

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

MARIANA PROHMANN

**TRADIÇÃO ORAL DE MATRIZ AFRICANA E INDÚSTRIA  
CULTURAL: LEVANTAMENTO DE TENDÊNCIAS NA COMUNIDADE  
QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2012

MARIANA PROHMANN

**TRADIÇÃO ORAL DE MATRIZ AFRICANA E INDÚSTRIA  
CULTURAL: LEVANTAMENTO DE TENDÊNCIAS NA COMUNIDADE  
QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Diplomação, do Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional, do Departamento de Comunicação e Expressão – DACEX, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo.

Orientador: Professor Me. Ivo Pereira de Queiroz

Co-orientador: Professor Dr. Edson Domingos Fagundes

CURITIBA

2012

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

Aluno: Mariana Prohmann (887226)

### **TRADIÇÃO ORAL DE MATRIZ AFRICANA E INDÚSTRIA CULTURAL: LEVANTAMENTO DE TENDÊNCIAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso Tecnológico de Comunicação Institucional do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Edson Domingues Fagundes

Prof. Dr. Valeria dos Santos

Orientador: Prof. Me. Ivo Pereira de Queiroz

“Se não nos apressarmos em reunir seus testemunhos e ensinamentos, todo o patrimônio cultural e espiritual de um povo cairá no esquecimento juntamente com eles, e uma geração de jovens sem raízes ficará abandonada a própria sorte.”

Amadou Hampatê Bá

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho inteiro é uma singela tentativa de agradecer todos aqueles que me fizeram acreditar que a história de vida das pessoas ainda é capaz de transformar a história de outras, que vale a pena tentar ir a fundo no profundo mundo de gente que vive, gente que consegue resgatar a sua história ou a memória de um povo pela literatura oral. Sejam quilombolas ou meus familiares de terreiros mais distantes, sejam os índios que vendem seus produtos no centro da cidade, sejam meninos de rua ou velhinhas sentadas no banco de um ônibus, seja a juventude que me faz enxergar novas possibilidades e continua fazendo com que eu me apaixone pela literatura popular, sejam por todas essas vozes que, apesar de tudo, não se deixam calar.

Espero que ainda possa contar com essas pessoas, seja na lembrança que em minha alma pulsa, seja em terra ao longo dessa caminhada que estamos construindo. Agradeço a minha querida vó Tereza, que me fez enxergar o valor de buscar minhas raízes. Aos meus pais, que me apoiaram e me mostraram a importância da nossa memória. A minha irmã, que me ajudou a perceber os pequenos detalhes que me levam a trabalhar com o universo da literatura. Às crianças e jovens que conheci ao longo da minha caminhada. Aos professores do DACEX, que, ao me desafiar, sem saber, saíam da sala de aula e caminhavam em meus pensamentos pelos lugares onde visitei. Ao professor Ivo Queiroz, que, com dedicação, me orientou e incentivou a conclusão deste trabalho. Ao professor Edson Domingues, pela ajuda na estruturação da pesquisa de campo. Aos meus velhos e novos amigos e principalmente, aos quilombolas de João Surá, que me mostraram a preciosidade de viver em comunidade.

À vida, por se deixar ser vivida e revivida quando contada.

## RESUMO

PROHMANN, Mariana. **Tradição oral de matriz africana e Indústria Cultural: levantamentos de tendências na Comunidade Quilombola de João Surá.** 2012. 61p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional. Departamento de Comunicação e Expressão. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

Esta pesquisa tematiza a tradição oral de matriz africana e a Indústria cultural na Comunidade Quilombola de João Surá. O tema deriva do problema formulado para essa pesquisa, que consiste em identificar se existem tendências observáveis da tradição oral de matriz africana e da Indústria Cultural na Comunidade Quilombola de João Surá. O objetivo do estudo consiste em levantar tendências da tradição oral e da Indústria cultural na comunidade. A intenção é construir um estudo que permita a futura análise das possíveis relações entre tradição oral de matriz africana a partir de uma perspectiva crítica sobre a Indústria Cultural. Os objetivos específicos visam evidenciar o significado de oralidade nas culturas negro-africanas para a constituição de seus sujeitos históricos. Em seguida, identificar no Quilombo de João Surá, a presença ou ausência da oralidade na história da Comunidade. Em caso afirmativo, há de 3 procurar as personagens reconhecidas como narradoras das memórias e enunciadoras de valores, assim como os significados que lhes atribuem os moradores. Objetiva ainda, 4 identificar os aspectos da Indústria Cultural que influenciam a vida dos moradores da Comunidade. Com essa finalidade, desenvolve um estudo etnográfico na comunidade, além de apresentar registros já feitos anteriormente. Como referencial teórico, apresenta elementos sobre o conceito de cultura, tradição oral e Indústria cultural, a partir da literatura especializada. Com essa pesquisa, espera-se, para a autora, que o presente estudo permita o crescimento na autonomia intelectual tendo em vista a continuidade dos estudos e a geração de novas pesquisas na área da literatura. Pretende-se realizar a apresentação dos resultados desse trabalho no Quilombo de João Surá a fim de demonstrar aos seus integrantes a perspectiva apresentada nesse estudo. O documento também será entregue aos cuidados do Departamento de Comunicação e Expressão da Universidade, podendo ser utilizado como subsídio para outros estudos do tema, bem como sua análise de modo a estabelecer as relações entre a prática da oralidade e a Indústria Cultural.

**Palavras-chave:** Tradição oral. Africanidades. Indústria Cultural. Quilombo. João Surá.

## ABSTRACT

PROHMANN, Mariana. **African oral tradition and Cultural Industry: surveying of tendencies at Comunidade Quilombola de João Surá.** 2012. 61p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional. Departamento de Comunicação e Expressão. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

This research approaches the African oral tradition and Cultural Industry at Comunidade Quilombola de João Surá. The issue descends from the formulated problem of this research, that consists in identify how is the oral tradition from African root exists at Quilombo de João Surá with the increment of the Cultural Industry. The objective of this research consists in rising up tendencies of the oral tradition and from the Cultural Industry in the community. The specific objectives aim to evidence the meaning of orality in the black African cultures for the construction of its historical individuals. In the sequence, identify at the Quilombo de João Surá, the presence or absence of orality in the community's history. In case it exists, it will look for the characters known as the memories and values tellers, as well as their relation with other people from the community. It aims also to identify the aspects of Cultural Industry that influences the life of the Community members. For that, there will be developed ethnography. As the theoretical reference, it demonstrates elements about the concept of culture, oral tradition and Cultural Industry, based on specialized literature. This research, hopefully, will allow the autonomy increasing for the writer, enabling the continuity of the studies and the generation of new researches in the literature area. The results are intended to be presented at Quilombo de João Surá to demonstrate the perspective shown in this research. The document will also be send for the responsibility of Departamento de Comunicação e Expressão of the University, with the possibility to be used as support for other studies about the same issue, as well as it analyzes to establish the relation between the practice of orality and the Cultural Industry.

**Key-words:** Oral Tradition. Africanities. Cultural Industry. Quilombo. João Surá.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2. CAPÍTULO 1: O MARCO TEÓRICO</b> .....	12
2.1 NOTAS SOBRE O CONCEITO DE QUILOMBO .....	12
2.2 NOÇÕES DE CULTURA .....	14
2.3 LINGUAGEM, CULTURA E PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA COMUNIDADE JOÃO SURÁ .....	16
2.3.1 Contexto geral da tradição oral .....	17
2.4 A ORALIDADE NUMA PERSPECTIVA DOS POVOS AFRICANOS .....	19
2.5 RELAÇÕES ENTRE A TRADIÇÃO ORAL AFRICANA E A DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL .....	20
2.6. TÉCNICA, TECNOLOGIA E INDÚSTRIA CULTURAL .....	26
<b>3. CAPÍTULO 2: A PESQUISA DE CAMPO</b> .....	31
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	31
3.1.1 Fundamentos dos estudos etnográficos .....	32
3.1.2 Procedimentos metodológicos aplicados no estudo em João Surá .....	33
3.1.2.1 A intenção metodológica apriorística deste estudo .....	33
3.1.2.2 Os ajustes necessários e os motivos das alterações .....	33
3.1.2.3 A configuração final do processo de coleta de dados .....	35
3.1.2.4 Questões de ética .....	35
3.2 RESULTADOS DO TRABALHO DE CAMPO .....	36
3.2.1 Critérios para a definição das categorias de análise .....	36
3.2.2 Categorias de análise .....	37
3.2.2.1 O campo de trabalho: descrição territorial do Quilombo de João Surá .....	37
3.2.2.2 A cultura popular e a vida em comunidade: um estudo etnográfico .....	39
3.2.2.3 Juventude de causos na gangorra da indústria cultural e da tradição .....	41
3.2.2.4 A história viva: os narradores da memória de João Surá .....	42
3.2.2.4.1 Da sanfona a música eletrônica e da linguagem oral falada à escrita virtual .....	44
3.2.2.5 Oralidade e oração .....	45
3.2.2.6 Das relações entre tradição oral e Indústria cultural .....	47
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	56





## 1. INTRODUÇÃO

Pela estreita estrada de barro às margens do rio Pardo que segue em direção ao Quilombo de João Surá, é possível perceber a distância entre a comunidade e o centro urbano da cidade de Adrianópolis. E é chegando no Quilombo de João Surá que se inicia um momento de apresentação e interação com crianças, jovens, adultos, senhores e senhoras; um espaço de conhecimento ou reconhecimento, de troca de experiências e principalmente, de valioso aprendizado.

A viagem empreendida consistiu em identificar se existiam tendências da tradição oral de matriz africana e da Indústria Cultural no Quilombo de João Surá que puderam ser observadas, a partir da pesquisa de campo. Com base na pesquisa de campo em um quilombo, a premissa inicial é de que o Quilombo de João Surá, como qualquer outro quilombo situado em terras brasileiras, tem a prática da tradição oral em seus rituais, cantos, histórias, rezas e demais aspectos da cultura afro-brasileira, o que será comprovado nesse estudo. O direcionamento do tema proposto visa entender em que medida a prática da tradição oral ainda se mantém com a chegada da Indústria Cultural, nas relações entre os moradores deste Quilombo.

Além disso, esta pesquisa reconhece que os meios de comunicação em massa tem uma grande influência nos locais em que são reproduzidos. Considera esses meios de comunicação a partir da perspectiva da Indústria Cultural, conceito que também será explorado nesse estudo. Portanto, o problema que foi levantado e que se pretende resolver com essa pesquisa é: *existem tendências observáveis da tradição oral de matriz africana e da Indústria Cultural na Comunidade Quilombola de João Surá?*

Desta problemática surgiu o objetivo geral estabelecido para esse estudo, que consiste em levantar tendências da tradição oral e da *Indústria Cultural* na Comunidade Quilombola de João Surá.

A linguística e a tecnologia são temáticas que estão diretamente ligadas à natureza do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional. É possível, portanto, que sejam feitas analogias entre a oralidade (fenômeno linguístico) e a Indústria Cultural (fruto dos processos da comunicação em massa). Com efeito, e tendo em vista a natureza do Curso, que sensibiliza seus discentes para a linguagem, em diálogo com a cultura, a instituição e a tecnologia, observou-se uma conjunção de fatores favoráveis à pesquisa proposta, que resultaram na definição do problema desse estudo.

As comunidades remanescentes de Quilombos têm uma grande relevância histórica para a formação cultural do Brasil. Os quilombos não são apenas parte do passado da constrangedora escravidão que aqui existiu, tampouco são comunidades isoladas, fazem parte da estrutura social brasileira, constituindo mais de 2000 comunidades espalhadas em território nacional. (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO, 2011).

Tamanha é a relevância das comunidades quilombolas que, no ano de 1988, foi criada uma lei, assegurada pela Constituição Federal, que garante as comunidades reconhecidas como remanescentes de quilombo o direito a propriedade de terra. Segundo dados da Fundação Palmares, até o ano de 2010, 1573 comunidades quilombolas foram certificadas, 93 delas receberam o título e foram iniciados 996 processos de regularização fundiária. (FUNDAÇÃO PALMARES, 2010).

Em especial, quando se trata da presença do negro na formação sociocultural do Estado do Paraná, pouco se sabia sobre a existência de comunidades remanescentes de quilombo. Com as pesquisas desenvolvidas inicialmente pelo grupo de trabalho Clóvis Moura é que se averiguou que:

Até agora foram identificadas mais de 86 comunidades, todas parte desta história negra que se negava existir, ainda que não-quilombolas todas. Hoje, véu levantado, temos 36 Comunidades Remanescentes de Quilombo, auto-reconhecidas e certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP), oito Comunidades Negras Tradicionais, sendo que três delas consideradas em situação especial, dependendo de avaliação mais aprofundada e técnica, e 28 indicativos de novas comunidades, ainda a serem visitadas, conforme 'Lista de Comunidades' existente neste Relatório. (SILVA; TRAUZYNSKI, 2008, p. 22).

O tema também tem grande importância na área da educação. A Diretriz curricular n. 1, de 17 de junho de 2004, prevê que os conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos ministrados pelas Instituições de Ensino Superior incluam a Educação Étnico-Racial, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004. (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2004). O seu cumprimento inclusive compõe parte da avaliação das condições de funcionamento do estabelecimento de Ensino. Nesse sentido, a Diretriz incentiva este tipo de pesquisa, que poderá impulsionar ainda novos estudos sobre a presença africana no Brasil, favorecendo não só a Instituição no que diz respeito ao seguimento da Diretriz curricular n. 1, como também contribuindo para ressaltar a valorização da Lei 10639/2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. (CONSTITUIÇÃO, 2003). A pesquisa científica contribuirá para o reconhecimento da prática da tradição oral, servindo

como apoio para outras pessoas que pretendam estudar a oralidade nas comunidades africanas constituídas no Brasil, a partir de uma reflexão crítica sobre a Indústria Cultural.

Inserir esse tema na Universidade Tecnológica Federal do Paraná poderá ainda viabilizar outros estudos sobre as comunidades que praticam a oralidade para sua teorização, divulgação, gestão do conhecimento e principalmente afirmação da identidade cultural. Além disso, a afinidade, o grande interesse pelo tema proposto e a presença de professores capazes de orientar essa pesquisa, resultou em um grande enriquecimento acadêmico para a proponente, que poderá avançar nos estudos relacionados à *Tecnologia & Africanidades*.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram as pesquisas teóricas com vista a introduzir os temas que norteiam esse estudo e a pesquisa etnográfica, que ilustra situações do convívio da proponente com alguns jovens, crianças e adultos que vivem na comunidade. Essa vivência possibilitou o registro de momentos que demonstravam a ligação entre os temas tratados na pesquisa e o ponto de vista de alguns moradores da comunidade.

A princípio, a elaboração de entrevistas semiestruturadas consistia parte do procedimento metodológico. Porém, com a própria dinâmica percebida, pareceu inviável utilizar esse recurso para coletar informações, uma vez que ainda não existiam relações de proximidade com os moradores e tampouco eles sabiam qual era o propósito da visita. Por isso foi necessário adaptar o método utilizado e deixar claro o interesse da proponente pela história de João Surá, pelas histórias da tradição oral, pelas festas, encontros, rituais tradicionais e também pelos meios de comunicação em massa lá presentes. A etnografia se mostrou o método mais adequado para entender como se configuram os aspectos da tradição oral e da Indústria Cultural na comunidade e emergem nas relações entre as pessoas com as quais o contato foi mais próximo, fossem nas relações entre elas e na relação delas com a pesquisadora. Durante a etnografia foi possível registrar algumas conversas importantes em relação ao tema da tradição, da história e da chegada dos novos meios. Essas conversas foram coletadas através de registros escritos de algumas falas em que emergiram as questões da tradição e da modernização dos meios de comunicação lá presentes.

Para possibilitar a identificação dos aspectos que constituem a pesquisa no Quilombo de João Surá, na relação entre tradição oral de matriz africana e Indústria Cultural, é necessário apresentar elementos de alguns conceitos e teorias que são fundamentais para estabelecer as relações pretendidas na pesquisa. A base deste trabalho se assegura no quilombo como espaço físico e ideológico, assim como o contexto de seu surgimento, que há mais de séculos cultiva tradições de matrizes africanas. A cultura e a linguagem são percebidas como fontes da tradição oral no Quilombo estudado, além do significado da

tradição oral no continente africano, herança trazida com negros africanos que sofreram o processo de escravização no Brasil. Por fim a técnica e a tecnologia como fatores que originaram e possibilitaram o surgimento da Indústria Cultural.

Com a finalidade de facilitar a visualização das etapas da pesquisa teórica e de campo, esse estudo foi dividido em três capítulos. O Capítulo 1 traz os conceitos que evidenciam o significado de oralidade nas culturas negro-africanas para a constituição de seus sujeitos históricos. Introduz temas importantes para a sua compreensão, como o contexto histórico do quilombo, da tradição oral africana e afro-brasileira, assim como elementos do conceito de técnica, tecnologia e Indústria Cultural. O Capítulo 2 apresenta o estudo etnográfico e os procedimentos metodológicos utilizados. Por fim, o Capítulo 3, consiste em um documento que possibilite futuros estudos da relação entre as análises do conceito de Indústria Cultural e a prática da oralidade no Quilombo de João Surá.

## 2. CAPÍTULO 1: O MARCO TEÓRICO

As teorias que serão abordadas para a estruturação dessa pesquisa têm por objetivo contextualizar os temas referentes à oralidade africana no cenário afro-brasileiro. Assim, há uma introdução sobre a diáspora africana no Brasil, apresentando os principais aspectos que caracterizam a tradição oral e a possibilidade de estudá-la como fonte da história. Também introduz a cultura em sua relação com a linguagem e elementos que conceituam a Indústria Cultural, utilizado aqui como um conceito chave na análise.

A escolha de fazer o estudo em uma comunidade quilombola levou em conta o significado histórico do quilombo no Brasil, desde seu surgimento junto aos aspectos culturais, principalmente o valor que tem a palavra e a sua relação com a sabedoria de um povo, o respeito aos anciãos e a coletividade. O quilombo e suas significações serão brevemente apresentados a fim de estabelecer um ponto de partida para introduzir o tema da oralidade.

### 2.1 NOTAS SOBRE O CONCEITO DE QUILOMBO

O termo quilombo é um conceito fundamental para o estudo da tradição oral afro-brasileira, pois é a partir dele e de suas representações simbólicas que será possível penetrar no universo da tradição oral de matriz africana no Brasil.

Com origem na língua *Mbundu*, o termo *quilombo* deriva da palavra *kilombo*, do tronco linguístico dos povos *Banto* que foram escravizados no Brasil e são encontrados em grupos que viviam na região da Angola e do Zaire. A palavra está ligada a uma sociedade de jovens guerreiros. (MUNANGA, 1996). O significado do termo também está ligado a um grupo com diversidade de pessoas que não mais estão em seus territórios de origem: “Kilombo foi uma sociedade iniciática de jovens guerreiros *mbundu* adotada pelos invasores *jaga* (ou *imbangala*), estes formados por gente de vários grupos étnicos desenraizada de suas comunidades.” (CANTIA, 2006, p. 40).

Para melhor contextualizar o objeto desse estudo, é relevante apresentar a definição de Abdias de Nascimento para o termo quilombo:

Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico e política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980, p.32).

Nesse sentido, é preciso e ressaltar que muitos grupos africanos trazidos na condição de escravos para terras brasileiras também se recusaram à submissão, reagiram, porém, de maneira a permanecer nas mesmas regiões e até mesmo nas terras onde foram submetidos à escravidão, comprando a alforria e até comercializando produtos. E mesmo nessas condições, também preservavam aspectos da cultura de seus territórios de origem. Um exemplo é a história de *Chico Rei*, um rei africano que foi escravizado junto ao seu povo, mas que conseguiu comprar a sua liberdade e aos poucos cuidava para que as demais pessoas que trabalhavam com ele também fossem alforriadas. (TANAKA, 2010). Esse processo de conquista da liberdade foi mais longo do que o processo de fuga. É importante ressaltar que outros negros escravizados também teriam resistido à escravidão, mas não conseguiram, porém, se refugiar em quilombos ou demais contê-los.

Muitos dos negros escravizados não conseguiam se comunicar com outros africanos na mesma situação porque falavam línguas diferentes, o que dificultava qualquer tipo de articulação. Além disso, a repressão e a violência com que eram tratados também era um mecanismo utilizado pelos proprietários de escravos para impedir insurreições e fugas. (BERTONI ; MALERBA, 2001).

Com base nessas referências, ao pensar a situação dos quilombos após a abolição, é necessário lembrar que as comunidades de negros oriundas do período de escravidão ainda existem e resistem em seus territórios. É lá que demonstram aspectos tradicionais em suas práticas, heranças dos primeiros negros africanos que fugiram da condição de escravizados e fundaram-nas, o que representa também a luta histórica dos negros de uma forma geral. Ou seja, a intenção é elucidar o quilombo não só como o espaço físico que há muito tempo abrigava negros refugiados, mas sim como um conceito e o que ele simboliza. Esse fator remete à situação do negro no Brasil, que sempre se apresentou de maneira confusa, seja em relação aos direitos, a propriedade, a história e a identidade cultural, ao qual a questão da oralidade está diretamente atrelada:

O Quilombo emerge como movimento identitário nos anos 70 do século XX, fazendo referência à legislação e aos atos jurídicos que historicamente impossibilitaram os africanos e seus descendentes à condição de proprietários plenos. A inversão deste fato no plano dos direitos humanos, culturais e sociais,

inscreve uma nova ordem na legislação brasileira dos anos 80, instaurando no plano do reconhecimento estatal novos sujeitos de direitos. Expressão e palavra amplamente utilizada em diversas circunstâncias da história do Brasil, ‘Quilombo’ foi primeiramente popularizada pela administração colonial, em suas leis, relatórios, atos e decretos para se referir às unidades de apoio mútuo criadas pelos rebeldes ao sistema escravista, bem como às suas lutas pelo fim da escravidão no país. Em seguida, foi também expressão dos afrodescendentes para designar a sua trajetória, conquista e liberdade, em amplas dimensões e significados. Após a abolição do sistema colonial em 1888, o quilombo vem sendo associado à luta contra o racismo e às políticas de reconhecimento da população afrobrasileira, propostas pelos movimentos negros com amplo apoio de diversos setores da sociedade brasileira comprometidos com os Direitos Humanos. (FERNANDES; LEITE, 2006, p.9).

Por fim, é necessário pensar o quilombo também a partir do símbolo histórico que ele representa, de resistência e de luta por reconhecimento durante seus vários anos de existência, espaço físico e ideológico que cultivava várias tradições de outrora, principalmente nas relações entre o homem, a terra e a ancestralidade. A questão da oralidade faz parte do universo cultural dos quilombos no Brasil, uma vez que eles preservam uma herança cultural dos povos de matriz africana.

## 2.2 NOÇÕES DE CULTURA

Para aprofundar o estudo sobre o significado da tradição oral para as culturas de matrizes africanas, é fundamental entender um conceito mais abrangente de cultura como formadora dos elementos que compõem o objeto desse estudo, os aspectos da tradição oral e da tecnologia.

O uso mais abrangente do termo cultura pode ter diversos significados, como ‘um estado mental desenvolvido’, uma ‘pessoa culta’ que passa pelos ‘processos desse desenvolvimento’, ou, como por exemplo, interesses ou atividades culturais e por fim, a cultura designando ‘as artes’ e o ‘trabalho intelectual do homem’. (WILLIAMS, 1992, p.13). Apesar da dificuldade de definição, a cultura pode ser vista como resultante de interesses convergentes acerca desse tema. Quando se pesquisa a cultura a partir de um espírito formador de um modo de vida global, investiga-se como se manifesta em “interesses culturais” e “especificamente culturais” (Idem). Ao encarar a cultura a partir de uma ordem social global no cerne de uma cultura específica, como em relação ao trabalho intelectual, a cultura é considerada como produto de uma ordem estabelecida por outras atividades sociais. (WILLIAMS, 1992). A convergência de interesses que constituem a sociologia da cultura em meados do século XX, como explica Williams, guarda aproximações com ambas as formas de



encarar a cultura, entendida como “um sistema de significações mediante o qual necessariamente uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada”. (WILLIAMS, 1992, p.13). Nesse sentido, a comunicação e o saber oral, transmitidos através de uma tradição, englobam esse sistema de significações que comunicam a ordem social presente na comunidade. O presente estudo identifica como essa ordem social global citada acima influencia uma cultura específica, no caso a cultura da Comunidade Quilombola de João Surá.

O antropólogo José Carlos Rodrigues em sua obra *Antropologia e Comunicação: Princípios radicais* define a Cultura como “a lente humana por excelência” (RODRIGUES, 2008, p. 116), ou seja, a maneira pela qual uma pessoa enxerga e conhece o mundo. O homem, conceito também explorado na obra, é capaz de depender menos de suas atribuições orgânicas e ao viver em sociedade, é capaz de convencionar sua própria visão de mundo, facilmente transformada no tempo e no espaço (RODRIGUES, 2008). A cultura, nesse caso, é apenas um conceito que tende a totalizar o significado do termo para os diversos povos, é “[...] um artefato de pensamento por meio do qual se faz economia da extraordinária diversidade que os homens apresentam entre si e com o auxílio do qual se organiza o que os homens têm de semelhante.” (RODRIGUES, 2008, p. 116). A *cultura* é também o que distingue os humanos dos demais seres, devido a sua capacidade de se diferenciar de sua própria espécie. Já quando se trata de conceituar *as culturas*, pode-se dizer que elas são sistemas simbólicos que, além de constituírem um conjunto de valores, produtos, crenças, mitos, ritos e comportamentos, formam um conjunto de regras práticas que alinham e geram os elementos que as constituem e logicamente lhe fazem sentido, além de atribuir sentido às relações humanas. (RODRIGUES, 2008).

No Quilombo de João Surá, a tradição oral pertence a um sistema simbólico capaz de criar os produtos culturais citados acima, além de um conjunto de regras que regula e controla o comportamento de todo o grupo social. A linguagem é meio pelo qual esses códigos sociais são criados e materializados. Assim, é de fundamental importância entender qual a relação da oralidade com a linguagem que, disseminada pela cultura da tradição oral, constitui o meio de comunicação presente na comunidade.

### 2.3 LINGUAGEM, CULTURA E PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA COMUNIDADE JOÃO SURÁ

Para observar tendências que permitam analisar a tradição oral de matriz africana e a Indústria Cultural, faz-se necessário entender como a linguagem opera na cultura, uma vez que é constituída por tais sistemas simbólicos que criam e atribuem valor às relações humanas. Com base na filosofia da linguagem marxista elaborada por Mikhail Bakhtin em sua obra *Marxismo e a filosofia da linguagem*, na qual se procura demonstrar a natureza ideológica do significado da linguagem e dos signos linguísticos é que a as culturas da tradição oral e da tecnologia serão entendidas. A linguagem, representação simbólica de diversas culturas, é considerada um produto coletivo, ou seja, um fenômeno social que sempre se apresenta dentro de um contexto ideológico. Nas palavras do autor:

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são alimentos da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e eles refletem sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc., constituem seu único abrigo. Fora desse material há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN, 2009, p. 31).

Nesse aspecto, é possível perceber a literatura oral, linguagem aqui estudada, como criadora de signos que são constituídos coletivamente e estão presentes na consciência individual dos que constituem um grupo social. A partir desse conceito há de se estabelecer uma relação com a natureza ideológica da linguagem e os processos comunicacionais na Comunidade Quilombola de João Surá, ou seja, de como a linguagem constrói a realidade social em que os moradores da comunidade vivem.

Ainda no campo da linguística, o espaço discursivo reflete as normas culturais compartilhadas, a começar pela aquisição da língua materna, ainda nos primeiros anos de vida de um indivíduo. Em seguida, para que esse indivíduo consiga viver em sua sociedade, ele há de refletir o modelo cultural no qual está inserido (ABREU, 2009). Esse fato explica como, nas comunidades onde a palavra falada é de grande valia para seus falantes, os ditados, provérbios, contos, lendas e histórias são sistematicamente passados de uma geração para a outra. Muitas histórias orais remetem a mais de um século de existência e ainda assim se disseminam no sistema de condução de sociedades em que a palavra falada emerge como linguagem e conseqüentemente, como registro dos saberes de um grupo social.

### 2.3.1 Contexto geral da tradição oral

Com o propósito de entender melhor o conceito de tradição oral e como é possível colher informações para levantamentos históricos capazes de auxiliar nesta pesquisa, o método buscado tem o intuito de evidenciar a importância da comunicação oral na cultura africana para a constituição de seus sujeitos históricos. Por isso, o referencial teórico utilizado descreve a metodologia da tradição oral e aborda aspectos importantes: apresenta sua estrutura literária, seu meio social, sua cronologia, o inconsciente coletivo e os limites das tradições para o pesquisador.

O conceito de tradição oral é complexo porque um testemunho é mutável, pode ser interrompido e resignificado. Assim, as tradições necessitam de um resgate contínuo à fonte. É importante, porém, considerar que nem toda informação verbal é uma tradição. O que diferencia uma tradição de uma informação verbalizada é que a primeira transmite evidências para a geração futura, o que significa que a origem da tradição pode vir de um testemunho ocular, de um boato ou até de uma nova criação baseada em textos orais que já existem. O testemunho ocular por sua vez tem grande valor, pois é uma fonte imediata e seus riscos de distorção são mínimos, porque ele não é transmitido. (VANSINA, 1980).

O primeiro aspecto importante no estudo da tradição oral é entender como a sociedade pesquisada se comporta em relação ao seu discurso. Para uma sociedade oral, a fala não é apenas o meio de comunicação comum, como também o meio pelo qual se preserva a sabedoria dos ancestrais, ou seja, a própria tradição oral, a que Vansina chama de *elocução-chave*. A tradição é então definida como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. (Idem).

Numa sociedade oral, a maioria das obras literárias são tradições, e como tradições, são também elocuições orais, em que a forma e os critérios literários influenciam o conteúdo da mensagem. Esse fator permite que as tradições se enquadrem no estudo de estruturas literárias. As formas fundamentais das tradições orais são: o poema, a epopéia, a fórmula, e a narrativa. O poema, nesse caso, funciona como um rótulo para um material decorado e dotado de uma estrutura específica e que também inclui canções. A fórmula é um rótulo que serve para incluir provérbios, charadas, orações e tudo mais que é decorado, mas que não estão sujeitos a regras estruturais, apenas as gramaticais da época em que foram criadas. A epopéia é uma forma literária em que o artista pode escolher suas próprias palavras dentro de uma

estrutura formal de regras já estabelecidas, como rimas e número de sílabas. Por fim as narrativas, que são a maioria das mensagens históricas conscientes, em que o artista tem liberdade literária, mas nem sempre se liberta das fontes, uma vez que seu meio social o faz fiel. (Idem).

Para fins de pesquisa, o ideal é que historiador ou pesquisador tente aprender o significado desses gêneros para a cultura que está estudando e principalmente, colete ao menos uma amostra que represente cada um deles, entendendo que há possibilidades de encontrar informações históricas. Através da análise do contexto geral, é maior a facilidade de entender as tradições que interessam ao historiador particularmente, por isso, é fundamental conhecer os gêneros literários. Para fins dessa pesquisa, no entanto, a principal forma literária levantada são as narrativas, até mesmo pela facilidade em registrá-las. Ademais, é importante lembrar que:

Tudo que uma sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições, para uma correta compreensão dos vários status sociais e seus respectivos papéis, para os direitos e obrigações de cada um, tudo é cuidadosamente transmitido. Numa sociedade oral isso é feito pela tradição, enquanto numa sociedade que adota a escrita, somente as memórias menos importantes são deixadas à tradição. É esse fato que levou durante muito tempo os historiadores, que vinham de sociedades letradas, a acreditar erroneamente que as tradições eram um tipo de conto de fadas, canção de ninar ou brincadeira de criança. (VANSINA, 2000, p.163).

Também é possível entender a tradição oral através da definição de Americo Correia, estudioso da literatura oral angolana:

A 'literatura tradicional de transmissão oral' faz parte dum campo mais vasto que se convencionou apelar de 'tradição oral' e que mais não é que a 'memória colectiva' duma sociedade que não revestiu a forma escrita. Abarcará, deste modo, um vasto domínio, também designado 'folclore', que recobre áreas como os contos, provérbios, adivinhas, relatos históricos, canções, danças, teatro, farmacopeia, etc. (CORREIA, 2010, p.1).

A partir dessas leituras em relação à tradição, é possível perceber que ela está inserida em um contexto social e não existe desvinculada dele. A identidade de uma instituição ou grupo social carrega um passado inscrito e explicado pelas representações coletivas de uma tradição, ou seja, tem uma “superfície social” que necessita transmiti-la. As funções da tradição nesse contexto são diversas e a palavra função é ambígua, pois frequentemente é utilizada para fortalecer ou manter a instituição de que depende. Todavia é possível encontrar materiais não escritos que demonstrem diferentes tradições, como as ‘cartas míticas’, as

histórias das dinastias, genealogias e listas de reis. É possível ainda encontrar essas evidências ao incluir tradições que tratam de assuntos públicos ou oficiais, como também as tradições particulares, que embora sejam verossímeis com as demais tradições que incorporaram, não são tão bem mantidas. A tradição também tem uma estrutura mental, ou seja, representações do inconsciente coletivo<sup>1</sup> de uma sociedade, que influenciam todas as formas de expressão e formam uma concepção do mundo. É importante lembrar que a tradição cria ideais, estereótipos e paradigmas, independente da veracidade do conteúdo, encontram-se nelas padrões de ideias e valores. A posição que cada pessoa ocupa em determinada sociedade está ligada às instituições que a formam. Nesse sentido, para encontrar os valores e ideias que modelam seus comportamentos, há que se desmembrar essa sociedade.

Nos registros orais, a verdade histórica está diretamente ligada à fidelidade deles, podendo ser um simples consenso dos governantes ou uma constatação de que a tradição está em conformidade com o que disse a geração anterior. A tradição então é capaz de transmitir tanto um mito como informações históricas, os mitos podem revelar ao historiador que ele será capaz de desvendar o que há por trás de todo o estereótipo originado por um sistema de valores e interesses.

Ao trabalhar com registros orais de uma sociedade, é necessário entender que sua cronologia está sujeita a distorções, que ora encurtam, ora prolongam a duração dos acontecimentos tais quais são narrados. Por fim, para um melhor resultado na avaliação de uma tradição, quanto mais as informações obtidas puderem ser comparadas com informações fornecidas por outras fontes e tradições independentes da original, maior será a sua veracidade.

Enfim, quando se trata de coletar e publicar registros orais, é necessário conhecimento da cultura, sociedade, língua ou línguas envolvidas no processo. Em suma, esses fatores compreendidos como relevantes ao estudar uma sociedade oral, foram essenciais para basear a pesquisa de campo realizada no Quilombo de João Surá.

---

<sup>1</sup> Segundo Jung, o inconsciente coletivo é totalmente universal e seus conteúdos podem ser encontrados em toda a parte, diferindo do conteúdo do inconsciente pessoal: “o inconsciente coletivo contém o tempo pré-infantil, isto é, *os restos da vida dos antepassados*. As imagens das recordações do inconsciente coletivo são imagens não preenchidas, por serem formas não vividas pessoalmente pelo indivíduo. Quando, porém, a regressão da energia psíquica ultrapassa o próprio tempo da primeira infância, penetrando nas pegadas ou na herança da vida ancestral, aí despertam os quadros mitológicos: os arquétipos.” (JUNG, 1917, p. 82).

## 2.4 A ORALIDADE NUMA PERSPECTIVA DOS POVOS AFRICANOS

Para entender em que contexto é possível levantar um problema em torno da questão da oralidade afro brasileira, é importante entender de onde se originou essa tradição, que nos quilombos brasileiros teve origem dos povos naturais da África.

O valor que tem a palavra nas sociedades africanas não se resume a comunicação, uma vez que ela dá vazão a outras características essenciais que constituem o sujeito africano, que são os outros sentidos:

A voz é um instrumento poderoso na afirmação de um modo de estar na vida que nasce do gesto, do corpo e da performance do contador. A partir de narrativas recolhidas da oralidade de países africanos de língua portuguesa, é possível definir uma poética que relaciona a dimensão da voz e da compreensão do universo através dos sentidos. (TETTAMANZY, 2006, p. 1).

Ao considerar a pluralidade de sentidos que marca o conceito de oralidade africana, na intenção de se evitar um comprometimento radical com alguma vertente, optou-se por uma categoria genérica, intencionada em preservar o papel da experiência da narrativa popular. Com isso, pretende-se identificar as aproximações entre os modos de transmissão dos fundamentos culturais em quilombos brasileiros e as matrizes africanas destas práticas. Por não se tratar de um estudo específico de oralidade no continente africano, mas de um legado africano preservado no contexto brasileiro, a menção àquelas práticas ancestrais tem em vista evocar este movimento espiritual de construção da identidade de um povo, pelas vozes de seus narradores, enquanto arquivistas das imagens sociais consideradas relevantes no referido contexto.

Sobre a questão da palavra nas sociedades da África negra, Fábio Leite, do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (USP) pesquisou a respeito da representação da palavra para os povos africanos. A partir de seus estudos e convivência registrou um conceito referente às formas de transmissão de valores e princípios nos povos, que se podem colher alguns elementos. Segundo Leite, ao contrário do que acontece no Ocidente, as sociedades da África negra não utilizaram a escrita para apreensão e transmissão do conhecimento (LEITE, 2004). O autor então se detém à questão da palavra, com o intuito de dar a ela um significado mais abrangente, ressaltando que os estudos e análises relacionados a essa sociedade no que diz respeito às ciências sociais encontram-se em duas correntes geralmente conflitantes.

A primeira é a visão periférica, ou seja, a visão de estudiosos e pesquisadores que estudam a África como objeto e que pressupõe a realidade desse continente. Sobre ela, o autor faz uma crítica à metodologia, carregada por preconceitos e limitada pelas próprias proposições que tentam fundamentá-la. A consequência dessa metodologia é a equivocada retificação de conceitos, teorias, proposições e reflexões sobre a África negra que, muitas vezes propostas por estudiosos reconhecidos no Ocidente, acabam se tornando verdades que se repetem. Além disso, esse tipo de pesquisa é comprometida pelo pouco estudo e pela ausência de dados realmente concretos. (LEITE, 2004).

Em contrapartida a outra corrente de pensamento é a visão interna, a qual a própria metodologia reconhece os limites encontrados na realidade que não é pressuposta como a primeira, mas sim, concreta. Esses estudos tratam o tema a partir da “África Sujeito”, ou seja, uma corrente de pensamento que almeja conhecer “tanto a estrutura como a dinâmica dos processos.” (LEITE, 2004, p. 36). É nessa corrente de pensamento que a presente pesquisa pretende se basear. Não propõe, porém, um aprofundamento no estudo referente à questão da palavra nessas sociedades, mas objetiva tentar entender o significado dela a fim de aproximá-la da maneira como pretende contextualizar a tradição afro brasileira.

Na visão periférica, a ausência da escrita nessas sociedades é erroneamente confundida com o analfabetismo, pormenorizando o poder de comunicação dos grupos que as constituem. Enquanto na visão interna, a escrita é considerada algo externo a elas, impactando negativamente seus processos de comunicação. A palavra é, porém, um elemento vital da personalidade e constitui o homem e o mundo. Assim, Leite demonstra o conceito do “Humanismo africano”, em que o homem, dotado de suas propriedades naturais e sociais, constitui-se como o próprio sujeito da ação. (LEITE, 2004). A aproximação da corrente de pensamento da “África Sujeito” é fundamental para esse estudo, uma vez que considera que a palavra é capaz de identificar a história de sua sociedade e tem a capacidade de explicar a estrutura do mundo e da realidade. Além disso, ela se baseia principalmente em referências orais, que por sua vez constituem um aspecto cultural essencial na história da população que reside no Quilombo de João Surá. Também é a palavra de extrema importância para a democracia e o poder nessas sociedades.

O que se pretende com esses elementos é aprofundar e entender melhor o significado da palavra para a transmissão oral africana. Assim será possível identificar se a maneira de transmissão oral africana guarda aproximações com a afro-brasileira. A começar pelo significado da memória, que nessas sociedades era de extrema importância para o entendimento dos signos culturais presentes nelas, conforme discorre Machado:

A memória das antigas sociedades africanas se apoiava na transmissão continuada de histórias, contendo conhecimentos, princípios e valores que preservavam, entre outros, o sentido agregador enquanto família e vinculação à terra. Portanto, o ato de lembrar está na essência das tradições que sustentam a organização comunitária e formas de governar nessas sociedades. (MACHADO, 2006, p. 80).

Henrique Cunha Junior<sup>2</sup> (2010) discorre sobre a cultura e o pensamento das sociedades *Bantos*. Em seus estudos, faz referências a conceitos da filosofia africana e traz também uma introdução dos termos classificatórios da língua *Banto* como parte da filosofia coletiva disseminada na educação delas. Junior fala sobre as classificações de termos, apresentando os significados de alguns que são essenciais para o entender o homem na sua relação com a palavra. São eles: *Ntu*, *Muntu*, *Bantu* e *Ununtu*. *Ntu* é o princípio da existência de tudo e designa a parte essencial de tudo o que existe e que podemos conhecer a existência. A comunidade, os grupos de pessoas são expressos pela palavra *Bantu*. *Ubuntu* quer dizer que a existência é definida pela existência de outras existências, ou seja, uma pessoa só existe porque as demais pessoas também existem. Para o presente trabalho, designar o termo *Muntu*, que significa a pessoa, demonstra a importância da palavra para essas sociedades, porque a pessoa é constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, a palavra. A palavra por sua vez é “o fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência.” (JUNIOR, 2010, p. 87).

Amadou Hampatê Bá, escritor do país de Mali que se destaca pela luta do reconhecimento da oralidade como fonte de história, coletou e escreveu diversas histórias da literatura oral, inclusive sobre a história de seus ascendentes, que está descrita na obra *Amkoullel, o menino fula*. Ao fazer referência à tradição em relação à história da África, Bá afirma que, sem considerar a tradição oral presente nela, qualquer tentativa de se pensar conforme os povos africanos é inválida. Ele assegura ainda que essa herança, fruto da tradição oral, “ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer a memória viva da África.” (BÁ, 1982, p.181). Ao citar ainda alguns estudiosos sobre o tema, Bá aponta para o problema da confiabilidade nas fontes orais, do mesmo modo que é concedida a escrita para decorrer sobre acontecimentos passados, tanto o testemunho escrito quanto oral são testemunhos humanos, e ambos valem “o que vale o homem.” (BÁ, 1982, p.181). Tampouco, é possível provar que o relato escrito é mais fiel do

---

<sup>2</sup> Professor Titular da Universidade Federal do Ceará e membro fundador da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e do Instituto de Pesquisa da Afro descendência (IPAD).



que o testemunho oral transmitido de geração para geração, inclusive, os próprios documentos escritos nunca se mantiveram livres de falsificações ou alterações.

Por trás de um testemunho está o próprio valor do homem que o faz, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, ou seja, o grupo social que a ele fez a transmissão, a fidelidade de sua memória individual e coletiva e o próprio valor da “verdade” na sociedade de onde veio, que se resumiria na ligação entre o homem e a palavra.

A tradição oral africana não se limita a histórias, lendas e mitos. A figura do contador de histórias, que será explorada neste estudo, não é a única capaz de guardar e transmitir a história oral de um povo. As tradições africanas posicionam uma visão religiosa de mundo. O próprio comportamento do homem em relação a si mesmo e ao mundo que o cerca será objeto que regulamenta um ritual bastante pontual, que varia conforme a etnia. A fala humana é o poder de criação, é ela que materializa o ritmo das canções ritualísticas e fórmulas encantatórias e está diretamente relacionada à conservação ou ruptura do homem e seu mundo. O poder que tem a palavra de agir sobre os espíritos decorre de seu poder de criar movimentos que geram forças capazes de agir sobre os primeiros e que são, enfim, a potência da ação. A ancestralidade, importante característica da cultura africana, está ligada diretamente ao contexto religioso e social que é representado acima de tudo, pelo respeito à palavra. (BÁ, 1977, p.186).

Com o objetivo de elucidar como, onde, por que e quem são os responsáveis por manter, através da transmissão oral, as mais profundas tradições da África antiga, é necessário entender alguns conceitos-chaves a respeito da transmissão oral de matriz africana. *Bá* apresenta os tradicionalistas, aos quais ele reforça o papel de grandes depositários da herança oral; geralmente dotados de uma memória bastante desenvolvida, comumente também são arquivistas de fatos passados transmitidos pela tradição ou fatos contemporâneos. Um tradicionalista, antes de tudo, respeita a si próprio, por isso também é bastante respeitado na África.

Existem coisas que não são explicáveis, mas simplesmente experimentáveis e vivenciáveis. Para pesquisar sobre fatos religiosos ou culturais do povo africano, é necessário estar ciente que os ensinamentos não são sistemáticos, mas vivenciais. Nesse sentido, os ofícios tradicionais também são grandes indicadores da tradição oral, pois o trabalho era visto como uma função sagrada que se utilizava das forças que fundamentavam a vida a se aplicava em todo o seu ser. Na medida em que se exercitava um ofício, se fazia parte do mistério daquilo que era eterno. A tradição oral até então gerava e formava um tipo particular de homem, de acordo com o ofício ao qual se dedicava. Os instrumentos e ferramentas utilizados

pelos artesãos materializavam as palavras sagradas da criação. O aprendiz de um ofício necessita indubitavelmente viver a palavra a cada gesto que aprende em seu ofício. (BÁ,1977).

A África de um modo geral mantém viva a memória de seus tradicionalistas, testemunhas e mestres. Na língua *bambara*, da área oeste-africana pertencente ao tronco linguístico *mande*, chamam-se *Doma* ou *Soma* os conhecedores, mestres ou fazedores de conhecimentos (MACHADO, 2006). Os *griots* são “trovadores ou menestréis” que percorrem o país ou estão ligados a uma família. São conhecedores dos cantos dos deuses, da música, da poesia lírica, dos contos que animam as recreações populares e também da história. Os *griots* podem ser classificados em três categorias: os *griots* músicos são aqueles que tocam qualquer tipo de instrumento e geralmente também são cantores, que preservam e transmitem a música antiga; os *griots* embaixadores e cortesãos estão sempre ligados a uma família nobre ou real ou a uma única pessoa, são os responsáveis por mediar conflitos familiares no caso de desavenças; os *griots* genealogistas, historiadores ou poetas podem ser os três ao mesmo tempo, mas não estão necessariamente ligados a uma família, geralmente são igualmente contadores de histórias e grandes viajantes.

Há que se considerar também a importância dos *griots* na formação da memória coletiva, que permite a um povo se identificar e se unir no sentido de tomar atitudes em relação a contextos que lhes são forçados, impostos e até mesmo injustos, trata-se, portanto, de pessoas que assumem uma função política:

Na voz de um *Griot*, encontram-se os vestígios de uma memória cultural e do que foi apagado pela história oficial. O que significa falar contra o passado se não há intenção de mudar o percurso sangrento da história? Falar é de alguma forma assumir a voz cultural de algum lugar; todo signo traz fendas ideológicas... (LIMA, 2009, p. 6).

Um fator fundamental para a continuidade desse processo que visa resgatar através dos *griots* as histórias que fazem parte da formação cultural de um povo, é entender que os estudos sobre culturas tradicionais, como nesse caso as africanas, são animados “nas vozes dos seus guardiães, transmissores do saber que se multiplicam em textos novos *griots*: estudantes, professores, africanistas em geral, que rompem o silêncio da ignorância e do descompromisso, dando voz e vez ao silenciado chão das nossas origens” (DUARTE, 2006). Por isso é importante lembrar que a tradição oral não se exprime apenas no ato da fala, das palavras, todavia as palavras são apenas a expressão de um modo de vida coletivo. Esse estudo no Quilombo de João Surá utiliza o meio da escrita digitalizada para cumprir com o

seu objetivo de registrar a importância da tradição oral de matriz africana, buscando as fontes das histórias narradas na figura dos narradores tradicionais. Conforme explica Benjamin: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte de todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. (BENJAMIN, 1985, p. 198).

Por isso se tentou buscar as fontes orais sobre as narrações tradicionais no Quilombo de João Surá, levando em conta a qualidade de buscar as experiências transmitidas oralmente.

## 2.5 RELAÇÕES ENTRE A TRADIÇÃO ORAL AFRICANA E A DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL

Na tentativa traçar um caminho que permita ao presente estudo identificar no Quilombo de João Surá os aspectos da tradição oral de matriz africana é que se indagou: qual a relação entre a tradição oral de matriz africana e a tradição afro-brasileira? Posteriormente há que se responder: é possível observar aspectos da tradição oral de matriz africana no Quilombo de João Surá?

Para melhor compreender o universo afro-brasileiro no que diz respeito à comunicação, este estudo apresentará um breve histórico da chegada dos povos africanos em território brasileiro. Sem optar por nenhuma linha dos diversos estudos que remontam a presença africana no Brasil, o que se pretende nessa introdução é confirmar a importante herança cultural dos povos negro-africanos que se fazem presentes no Brasil.

Quando os primeiros negros africanos das mais diversas etnias foram transportados na condição de escravizados, o universo cultural onde estavam inseridos além-mar foi transportado junto com eles para o Brasil. Assim também aconteceu com a cultura e o cultivo da literatura oral. No período que vai do século XVI ao século XIX, milhões de africanos foram trazidos para o Brasil. Contradizendo alguns textos que foram divulgados e dizem respeito à presença africana em território brasileiro, os quais muitas vezes ignoram o valioso passado desses povos enquanto viviam em suas terras de origem, “os africanos trouxeram histórias e culturas diferenciadas que aqui entraram em contato entre si e com as culturas indígenas e portuguesa.” (MACHADO, 2006).

Ao seguir essa lógica, é importante lembrar que não existiu uma única cultura africana no Brasil, mas diversas culturas de povos e grupos étnicos, em que os mais comumente conhecidos se ligam aos povos bantos e aos iorubás. Com o passar do tempo “as

várias culturas africanas entraram em contato, adquiriram características umas das outras, mas preservaram alguns aspectos específicos que hoje, na diáspora brasileira, permitem que identifiquemos diferenças entre tradições banto e iorubá, por exemplo.” (MACHADO, 2006, p.90).

Ao analisar a diáspora africana numa perspectiva global, quando os africanos escravizados se espalharam mundo adentro, a imagem do continente africano aparece com o que Machado chama de um ancestral comum, a “Mãe África”, o que possibilitou a existência de grupos organizados em torno da vida material, vivendo em sociedades e mantendo vivo seus mitos e histórias de vida “cuja base é sempre a família, a ancestralidade e a terra.” (MACHADO, 2006, p. 94).

A pesquisadora Aline Cantia, que desenvolveu estudos junto à comunidade Kalunga (GO), maior comunidade quilombola do Brasil, discorre sobre a presença africana no Brasil a partir do contexto histórico do povo banto. Cantia afirma que quando os negros eram retirados de seus locais de origem e trazidos para o Brasil, sofriam um processo de “*destribilização*”, no qual acabavam por perder o referencial que tinham anteriormente na África, pois eram batizados pela Igreja Católica, perdiam seus nomes de nascença e já se encontravam automaticamente numa situação de subjugamento pelos povos colonizadores. Mesmo assim ainda existiam espaços onde conseguiam preservar suas hierarquias próprias, eram elas na música, na dança, nas festas religiosas e folguedos e especialmente nos quilombos, onde conseguiam preservar suas tradições. (CANTIA, 2006).

Com base nos estudos que apresentam características da tradição oral africana, é evidente que existiu uma influência dessa tradição nas comunidades negro africanas formadas no Brasil, aspectos que mais tarde constituíram também parte da cultura brasileira. Assim, o que se pretende é entender se a prática da tradição oral afro brasileira ainda guarda aspectos tradicionais com a chegada dos meios de comunicação em massa.

## 2.6. TÉCNICA, TECNOLOGIA E INDÚSTRIA CULTURAL

É possível pensar os conceitos de técnica e tecnologia de diversas formas. Os conceitos que serão introduzidos têm como objetivo identificar na Comunidade Quilombola de João Surá qual a influência das tecnologias da informação para as pessoas que lá vivem.

Pensar os sistemas das técnicas e a tecnologia implica trazer a luz o significado da ciência e a sua relação com o poder econômico vigente, especialmente com as grandes

transformações que se tornaram possíveis a partir do século XIX, frutos da Revolução Industrial. A ciência está ligada ao conceito de racionalização e racionalidade, que para Max Weber simbolizam a ampliação de sociedades que passam por padrões de decisão racional. (WEBER, 1982).

Ou seja, todo processo social acaba passando pela racionalização e experimentação, cuja comprovação de sua eficácia só se torna possível se atrelada aos meios técnicos. Mais do que isso:

Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento, roupa, a produção irresistível da indústria de diversão e informação, trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais, que prendem os consumidores aos produtos. Os produtos doutrina, manipulam, promovem uma falsa consciência. Estando tais produtos à disposição de maior número de indivíduos e classes sociais, a doutrinação deixa de ser publicidade para tornar-se um estilo de vida. (MARCUSE, 1982, p.31 e 32).

Nesse contexto a ciência que possibilita o surgimento dessas técnicas, capazes de criar artefatos de consumo que doutrina e modelam o comportamento individual através da racionalidade.

A origem do termo técnica vem do grego *tekhné*, que significa ‘toda a atividade humana submetida a regras com a vista a fabricação de alguma coisa’. (CHAUÍ, 2012, p.249). Assim, em um sentido mais amplo, *tekhné* significava a ‘habilidade e agilidade para inventar meios para vencer uma dificuldade ou um obstáculo opostos pela natureza.’ (CHAUÍ, 2012, p.249). Ao descrever sobre o surgimento das novas técnicas na época em que surgia o sistema capitalista, Chauí explica também que elas têm relação entre a necessidade de acumulação de capital e o aumento da capacidade do trabalho humano.

Sobre a técnica, Marcuse afirma que é capaz de “promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo”. (MARCUSE, 1999, p. 74).

A tecnologia também é enxergada como “um processo social no qual a técnica propriamente dita (isto é, o aparato técnico da indústria, transportes, comunicação) não passa de um fator parcial [...], compreendido [...] como modo de produção, como a totalidade de instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam a era da máquina, é assim, ao mesmo tempo, uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais [...], sendo assim [...] um instrumento de controle e dominação”. (MARCUSE, 1999, p. 73). A tecnologia por sua vez, na abrangência de definições que a seguem, para fins desse estudo, também se apoia nos *aparatos tecnológicos*. Segundo a definição de Marcuse o termo *aparato* designa

“as instituições, os dispositivos e organizações da indústria em sua situação social dominante” (MARCUSE, 1999, p. 77). O aparato tecnológico, tão poderoso quanto os poderes políticos e econômicos também atua, embora não tão explicitamente.

Em seu estudo, Marcuse investiga as relações da tecnologia com a guerra e o fascismo alemão à época do nacional-socialismo, e afirma que:

No decorrer do processo tecnológico, uma nova racionalidade e novos padrões de individualidade se disseminaram na sociedade, diferentes e até mesmo opostos àqueles que iniciaram a marcha da tecnologia. Essas mudanças não são efeito (direto ou derivado) da maquinaria sobre seus usuários ou da produção em massa sobre seus consumidores; são, antes, elas próprias, fatores determinantes no desenvolvimento da maquinaria sobre seus usuários ou da produção em massa sobre seus consumidores. (MARCUSE, 1968, p. 72).

Milton Santos explica as técnicas vinculadas à política e como as duas coisas não podem estar ou existir separadamente (2000). Ele afirma que em decorrência dos avanços da ciência ao final do século XX, se produziu um sistema de técnicas sob o comando das técnicas da informação, que por sua vez, vieram a interligar as demais técnicas, resultando na união delas e na garantia de que esse novo sistema teria uma presença planetária, ou seja, global. Esse novo sistema, encarado de diferentes formas, a depender do espaço onde se faz presente, está estreitamente ligado às ações realizadas pelo “mercado dito global”, que é hoje o responsável pelos processos políticos eficazes. É nesse sentido que os aparelhos tecnológicos, também estão presentes em João Surá e influenciam a comunidade, trata-se portanto, de uma influência política.

Para desenvolver o escopo deste trabalho, que considera os meios de comunicação em massa como pertencentes à Indústria Cultural<sup>3</sup>, há que se apresentar a teoria que explica como ela se constrói e a maneira como o sujeito que a consome recebe as informações que ela produz.

Segundo os teóricos da “*Indústria Cultural*”, estudiosos da Escola de Frankfurt<sup>4</sup>, a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. Os meios de comunicação em massa constituem um sistema, em que cada um desses meios: o rádio, a televisão e o cinema, são coerentes em si mesmo e todos o são em conjunto. Mesmo quando se manifestam tendências políticas opostas, elas “entoam o mesmo louvor ao ritmo de aço” (ADORNO, HORKHEIMER, 1969, p.99). Isso significa que independente da condição social, os que já

<sup>3</sup> Com o objetivo de trazer o conceito da Indústria Cultural, as teorias foram retiradas da obra *A dialética do esclarecimento*, dos filósofos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, que na obra exploram o surgimento da Indústria cultural e suas significações.

<sup>4</sup> Escola de filósofos alemães marxistas, conhecidos pela teoria crítica da *Indústria Cultural*.

consumiam esses meios, passaram a tratar com naturalidade a obsolescência programada desses objetos, que reproduzem o poder do capital. Cria-se então uma falsa identidade do universal e do particular, quando os donos do meio de produção são um só, a cultura de massas é idêntica e é o monopolista quem fabrica e esquematiza o conceito que deve ser seguido.

Segundo Marx, a necessidade social é o que atribui a um objeto o seu valor de uso (MARX, 1988). Os meios de expressão tornam-se um negócio, o rádio e o cinema são então indústrias. A explicação tecnológica que justifica o surgimento da *Indústria cultural* é que ela atinge milhões de pessoas no mundo todo que dela participam e isso requer métodos de reprodução que padronizem bens para satisfazer necessidades iguais. É como se os padrões por ele veiculados fossem uma necessidade dos consumidores e é por isso que são aceitos sem questionamento, é como se a unidade do sistema fizesse mais sentido que a dispersão. É preciso lembrar, porém, que a consequência dessa pressuposição é grave, porque quando se parte dessa visão esclarecida, aonde a técnica é poder, o último é exercido pelos economicamente dominantes, marginalizando todo e qualquer processo que não seja passível de sua dominação, a exemplificar nesse caso, a própria tradição oral.

A sociedade torna-se alienada de si mesma, a técnica da *Indústria cultural* levou a padronização e à produção em série, já não existe mais diferença entre lógica, a razão de existência de uma obra e a do sistema social, ambas se destinam a satisfazer os mais forte economicamente. A reação do público de fato favorece o sistema da *Indústria cultural*, mas é apenas uma parte dele e não justifica o todo, até porque, quando um movimento artístico é diferente de outro em recursos e conteúdo, mas ambos seguem a mesma linha de produção, a tese de que o recurso advém do desejo espontâneo do público torna-se questionável. São os executivos poderosos que produzem, a partir da ideia que eles mesmos fazem dos consumidores, que mesmo assim não se assemelha aos próprios empresários.

A época desses filósofos e segundo suas análises (década de 1930), quem detinha o poder e mandava de fato eram os diretores gerais dos setores mais poderosos da indústria, cujos meios de massa eram fracos diante de tais e inclusive deles dependem. As indústrias do aço, do petróleo, da eletricidade e da química eram a princípio indústrias que os meios de comunicação em massa estariam subordinados. Adorno e Horkheimer afirmavam que esses são os verdadeiros donos do poder aos quais os monopólios precisam seguir e concordar para que não sejam expurgadas da sociedade de massas. A unidade da *Indústria cultural* comprova a unidade em formação política.

Programas de televisão de diferentes emissoras, matérias publicadas em diferentes jornais, filmes de categorias diferentes, todos vão servir de fonte para classificar, organizar, e computar estatisticamente os consumidores. Já não há mais dissidência, para todos algo está previsto sob a falsa impressão de haver distinções, de existir uma com maior qualidade que a outra, mas isso inclusive corrobora uma contabilidade mais completa. Para cada nível social, existe uma categoria de produtos de massa diferente que se adapta a esse nível. Para tal, consumidores são reduzidos aos mapas de institutos de pesquisa. O detalhe não mais importa, porque ele não chega a se opor ao todo, assim como não tem nenhuma ligação com ele, de modo que: “O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural.” (ADORNO, HORKHEIMER, 1969, p. 118).

Nesse sentido, o modo de pensar o desenvolvimento tecnológico, sobretudo, o desenvolvimento dos meios de comunicação e sua influência no contexto global deve levar em conta a influência dessas técnicas da informação.



### 3. Capítulo 2: A PESQUISA DE CAMPO

Este capítulo tem por objetivo apresentar de maneira organizada as informações levantadas na pesquisa de campo que auxiliam para melhor compreensão de como e em que medida a tradição oral e a Indústria Cultural estão presentes no Quilombo de João Surá. Apresenta o procedimento metodológico escolhido inicialmente e suas necessidades de adaptações, os fundamentos da método etnográfico<sup>5</sup>, escolhidos para o desenvolvimento deste trabalho, e por fim, divide as experiências que foram vivenciadas durante a pesquisa de campo. A visita ao Quilombo de João Surá teve duração de uma semana e foi realizada entre os dias oito e quinze de novembro de 2011.

#### 3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com a intenção de traçar as ações desejadas para alcançar o objetivo desta pesquisa, o procedimento utilizado na pesquisa de campo foi a etnografia.

O estudo etnográfico foi pensado na tentativa de entender se de fato o objeto desta pesquisa poderia ser observado de modo natural nas relações sociais dos quilombolas de João Surá. Mais tarde perceber-se-ia que não só foi possível identificar essas tendências e que os laços que ligam as pessoas através da tradição são evidentes, como também os demais aspectos que se desejou enfatizar neste estudo surgiam espontaneamente em muitas ocasiões. A necessidade de conhecer melhor os moradores levou a pesquisa a ser estruturada através de uma vivência e de diálogos que se mostraram muito ricos em relação ao seu conteúdo.

Devido principalmente ao curto período de tempo da visita (uma semana) e chuva contínua, que acabou por limitar a quantidade de pessoas visitadas, esse estudo utiliza também a referência de outras pesquisas realizadas na comunidade, que por sua vez, foram desenvolvidos por pessoas que mantêm relações de confiança com os próprios moradores, segundo os últimos.

---

<sup>5</sup> “é a base na qual se apóia o edifício da formação de um(a) antropólogo(a). A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta.”. (ECKERT; ROCHA, 2008. p.2)

Os recursos utilizados para registro foram uma máquina fotográfica, um caderno com observações e depoimentos e um computador para digitalizar e armazenar os dados coletados durante a pesquisa.

As conversas e a aproximação ocorreram conforme a disponibilidade de tempo dos moradores da região e a faixa etária, a fim de entender qual o significado que pessoas de diferentes gerações atribuem à tradição oral. A análise permitiria perceber qual a relação das pessoas com os moradores mais velhos e se ainda existem aspectos da cultura oral de matriz africana, como o respeito aos mais experientes, a conservação de valores através de histórias tradicionais e a ancestralidade. Essas observações mostram como os mais novos (crianças, adolescentes e jovens) se comportam em relação à tradição no contexto dos novos aparatos tecnológicos, ou seja, se com a chegada desses instrumentos, ainda se reúnem para escutar as histórias dos mais velhos ou se recordam histórias, causos e lendas contados por eles.

Para concretizar o estudo proposto, foram necessárias algumas ações que permitiram dar o ponto de partida do trabalho, dentre as quais: procurar com líderes locais informações e fontes que contam a história da comunidade, desde seu surgimento até os dias atuais, identificar quem são os narradores de histórias tradicionais em suas relações com outros moradores, os meios de comunicação que estão presente neste Quilombo e quem os utiliza.

### 3.1.1 Fundamentos do método etnográfico

Um estudo etnográfico se fundamenta em preceitos da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais e pode ser resumido em um método de pesquisa que:

Compreende o estudo pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos. (MATTOS, 2001, p.2).

O estudo etnográfico está diretamente ligado ao perfil do etnógrafo, uma vez que não há padrões rigidamente estabelecidos para desenvolver uma pesquisa, mas um senso que o próprio etnógrafo desenvolve de acordo com o contexto social da pesquisa (MATTOS, 2001). Mattos afirma ainda que “Estas técnicas, muitas vezes, tem que ser formuladas ou criadas para atenderem a realidade do trabalho de campo.” (MATTOS, 2001, p. 1.).

O exposto material, portanto, se baseia em técnicas julgadas apropriadas para a coleta de dados, que foi desafiada diversas vezes durante a pesquisa de campo. O levantamento de tendências observáveis da tradição oral e da Indústria Cultural foi construído a partir de um olhar sobre como a Indústria Cultural se faz presente na comunidade, como os aspectos tradicionais se manifestam e como os meios tecnológicos são incorporados. Além disso, essa pesquisa leva em conta a atitude das pessoas com a presença da pesquisadora na comunidade.

### 3.1.2 Procedimentos metodológicos aplicados no estudo em João Surá

Os procedimentos estão divididos para melhor apresentar como foram utilizados para realização da pesquisa de campo no Quilombo de João Surá. Explica qual era a metodologia pensada anteriormente a realização da pesquisa de campo, suas intenções e preocupações, assim como suas limitações no referido contexto e a necessidade de alterações, apresentando também a configuração que se julgou apropriada para a coleta de informações e as questões éticas que envolvem o tipo de pesquisa que se escolheu desenvolver.

#### 3.1.2.1 A intenção metodológica apriorística deste estudo

Com a intenção de entender em que medida a tradição oral ainda está presente no Quilombo de João Surá, a proposta inicial dessa pesquisa consistia em realizar entrevistas semiestruturadas conforme a dinâmica das pessoas que dariam seus depoimentos. Nesse sentido, o que se pretendia era fazer as entrevistas de acordo com o tema proposto em relação à questão da tradição oral e aos aparelhos tecnológicos presentes na comunidade, considerados a partir de uma reflexão sobre a *Indústria cultural*. Porém, como afirma Martins em seu artigo sobre a metodologia qualitativa de pesquisa: “Se tem uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita.” (MARTINS, 2004, p. 292.)

#### 3.1.2.2 Os ajustes necessários e os motivos das alterações

Segundo a dinâmica que se estabeleceu com a presença da pesquisadora na comunidade, a metodologia utilizada, que seria primeiramente a composição de um acervo de

entrevistas semiestruturadas, passou a ser a de um estudo etnográfico que também pudesse contemplar as questões relacionadas à linguagem e as percepções sobre os meios de comunicação lá presentes.

A alteração da metodologia utilizada para coletar as informações na pesquisa de campo se fez necessária por dois principais motivos. O primeiro deles é em relação à repercussão que tiveram outros estudos sobre a comunidade anteriormente. Os moradores do Quilombo de João Surá já tiveram diversas experiências com visitantes, pois foi uma das primeiras comunidades da região do Vale do Ribeira a ser reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares no Estado do Paraná. Alguns desses visitantes são lembrados pelos quilombolas com carinho e respeito, seja pelo bom envolvimento com as pessoas da comunidade ou pela posição de apoio na defesa dos direitos do povo de João Surá. Outros, porém, não tiveram uma relação tão boa, seja porque agiram de maneira opressora ou mesmo porque apresentaram propostas ou projetos que nunca chegaram a ser concluídos, criando expectativas e demandando esforços dos quilombolas que nunca viram o resultado do trabalho ou tiveram algum retorno desses visitantes. Ao conversar com uma jovem do Quilombo de João Surá, ela afirmou que já aconteceu inclusive a publicação de livro em nome da comunidade, cujos próprios moradores que eram citados não tinham conhecimento. Nesse sentido, em comum acordo com os quilombolas que conheci, os nomes dessas pessoas serão preservados, citando os nomes apenas daqueles que já haviam aparecido em outros estudos nos quais haviam consentido autorização para o uso de suas falas. Também, em acordo com as pessoas com quem convivi durante a visita, elas concordaram com a realização de anotações de suas falas e comentários enquanto dialogávamos transcritas tanto manualmente, quanto diretamente para o computador.

O segundo motivo é que pela maneira informal escolhida por criar relações com os moradores, assim sendo as transcrições de algumas perguntas semiestruturadas realizadas a princípio ficaram prejudicadas, porque aconteceram em ambientes com interferências externas.

### 3.1.2.3 A configuração final do processo de coleta de dados

O trabalho de coleta de dados tem a finalidade de auxiliar na interpretação de uma cultura específica. A forma escolhida para tal foi a coleta de dados através de registros escritos, da descrição de vivências e encontros e como eles refletiram sobre os temas tratados.

A pesquisa aconteceu a partir do convívio em diversos ambientes e com pessoas de diferentes gerações, estivessem elas no cultivo de alimentos nas roças, na Igreja, no jogo de bola, na escola com as crianças, ao pé do fogão, na cozinha tomando um “café com mistura”, na beira do rio, na limpeza da casa e onde quer que se estabeleciam as relações dos quilombolas com o ambiente em que estão inseridos. Para facilitar a apresentação das tendências que foram observadas, esse estudo está separado em subtemas.

### 3.1.2.4 Questões de ética

Em seu artigo sobre metodologia qualitativa, campo que abrange a pesquisa etnográfica, Martins explica que podem existir consequências da presença de pesquisadores, que “muitas vezes disfarçada, pode envolver os observados, pode manipulá-los de acordo com seus interesses e objetivos, introduzindo tensões, provocando rupturas.” (MARTINS, 2004, p. 295-296). E considerando essas possibilidades, a pesquisa proposta teve um posicionamento já evidenciado até na própria escolha do tema que, ao se referir aos aparelhos tecnológicos como pertencentes à Indústria cultural, supõe que existe uma relação antagônica entre a tradição oral, com a crença no mito, e a indústria cultural, com a crença no *esclarecimento*.

Além disso, e justamente por ter conhecimento de outras pesquisas realizadas anteriormente na comunidade, é que logo no início da visita, me apresentei como uma estudante com grande interesse pelas histórias tradicionais do Brasil e especialmente do Estado do Paraná, assim como o posicionamento de questionamento aos meios de comunicação lá presentes. Em momentos de interação com os mais novos deixava claro o meu interesse pelas histórias tradicionais de João Surá, pela relação deles com os mais velhos e também pelos meios de informação aos quais eles tinham acesso. Já na convivência com os adultos e pessoas de idade, também deixava claro minha curiosidade, enquanto pesquisadora, pela história da comunidade, por contos, lendas e mitos lá presentes, como eles percebiam a relação dos mais novos com as novas tecnologias e como elas refletiam nas relações sociais e nas histórias tradicionais.

Ao longo da visita, as relações estabelecidas foram de troca. Nos momentos de interação também eram compartilhadas histórias de vivências em Curitiba e em grandes

cidades e a relação entre pessoas de diferentes gerações no contexto urbano. Mais uma vez, o interesse em trabalhar com o folclore, as histórias dos povos tradicionais, a cultura da tradição oral e a influência dos *aparatos tecnológicos*.

Por acreditar que essa pesquisa se baseia em um aprendizado junto a um grupo de pessoas em torno desses temas, o que se pretende é apresentar esse trabalho aos moradores de João Surá, demonstrando os aprendizados durante a visita e podendo inclusive, continuar essa discussão e desenvolver outros materiais de apoio com os quilombolas com os quais o convívio foi constante durante a visita.

### 3.2 RESULTADOS DO TRABALHO DE CAMPO

Esta seção apresenta os resultados do trabalho de campo. A princípio, descreve os critérios utilizados para a criação de categorias que permitam a análise de cada uma delas, dividindo-as a fim de analisar os temas dessa pesquisa sob a perspectiva de diferentes gerações no Quilombo de João Surá, em diferentes vivências.

#### 3.2.1 Critérios para a definição das categorias de análise

Os critérios escolhidos para definir as categorias que serão descritas, com base na pesquisa qualitativa, estão ligados aos conceitos chave dessa pesquisa e também aos elementos necessários para uma contextualização mais abrangente do local pesquisado. A princípio faz uma breve descrição territorial do lugar aonde a pesquisa de campo foi desenvolvida com o intuito de situar os leitores. Descreve também o momento de aproximação entre o pesquisador e os moradores da comunidade e em seguida os critérios definidos para separar os temas abordados em categorias de análise.

### 3.2.2 Categorias de análise

A separação em categorias aconteceu por grupos ou pessoas de determinada faixa etária em suas relações com a literatura oral, com os narradores tradicionais e com elementos da *Indústria cultural*, que consistem principalmente em duas diferentes gerações, o de idosos e o de jovens.

#### 3.2.2.1 O campo de trabalho: descrição territorial do Quilombo de João Surá

O Quilombo de João Surá existe há mais de 200 anos e está localizado no Vale do Ribeira de Iguape, pertencente à cidade de Adrianópolis, no Estado do Paraná. No ano de 2005, a comunidade foi reconhecida como Remanescente Quilombola pela Fundação Cultural Palmares. (GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA, 2011).

A ocupação das terras do Vale do Ribeira foi estimulada pela colonização portuguesa com a atividade da mineração no século XVI, que fundou garimpos a partir das povoações litorâneas de Cananéia e Iguape (São Paulo), regiões que mais tarde se transformaram em comunidades de negros escravizados que fugiam para esse território (FERNANDES, 2007, p. 22). Essa situação remete também a origem da Comunidade Quilombola de João Surá.

O próprio nome da comunidade escolhida revela a sua ligação histórica com a atividade do garimpo. De acordo com o trabalho desenvolvido pela antropóloga Cambuy, um morador local conhecido como “*Paulico*” conta que *João Surá* era um garimpeiro:

A história do João Surá, João Surá ficou João Surá por causa de um garimpeiro, que o nome dele ai chegou ai na região – assim falavam meus avôs, meu bisavô – que apareceu este homem. Ele era, de certo, deste pessoal do garimpo lá pra Iporanga. Então esse homem, diz que ele vinha por canoa e sumia neste sertão ai. Tirar ouro, este tal de João Surá. Ele tirava ouro e ia embora para Registro, cidade de Registro, que lá é que registrava para ir. E ele quebrou a canoa naquela cascata ali. E morreu ali. Perdeu o ouro e ficou o nome João Surá. Cachoeira do João Surá. Que antes disso esse rio nem nome não tinha, tinha o nome de rio Pardo. (CAMBUY, 2007, p. 30).

Outra versão recolhida pela pesquisadora foi a de *Seu Jair*, antigo morador que conta que o homem não era um garimpeiro, e sim “um bugre, daqueles forte e brabo”. A mãe de *Seu Jair* contava que os antigos diziam para as crianças que se elas não se comportassem seriam levadas lá para o tal “*João surrar*”. É por causa desse homem chamado *João* que morava na região, que surgiria o nome “*João Surrá*” e mais tarde “*João Surá*”, que deu nome também ao córrego que passa no local (CAMBUY, 2010, p. 30).

Não há precisão quanto ao ano exato em que se formou esse quilombo, mas, segundo uma pesquisa realizada pelo Grupo de Trabalho Clóvis Moura, ele teve sua origem quando negros escravizados fugiram das minas de ouro em Apiaí (SP) e se instalaram lá.

Ao longo desses duzentos anos, as famílias resistiram às invasões e pressões de fazendeiros para que vendessem suas terras por valores muito baixos. Apesar da resistência, muitos moradores da comunidade se viram obrigados a vender suas terras e se mudaram para outras cidades. As principais atividades são a agricultura, o extrativismo, a pesca e a criação de animais. Algumas festas religiosas importantes abarcam catolicismo e raiz africana na celebração, em que as pessoas pagam promessas pelas graças alcançadas em boa colheita e saúde para as elas e para suas criações. Vale destacar também o artesanato em argila, em madeira e objetos em taboa. (GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA, 2011).

O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia dos povos e comunidades tradicionais do Brasil, que tem como objetivo traçar a auto-cartografia de comunidades e povos tradicionais, registrou a fala de alguns moradores sobre a história da comunidade, desde quando fora fundada até os dias atuais, além de seus costumes e tradições. Já nos depoimentos e apresentações é possível perceber outros aspectos que remontam a tradição oral, como, por exemplo, a história de como chegaram os primeiros negros naquela região e de onde vinham, o que possibilita conhecer histórias que fazem parte da memória da comunidade, mantida pela tradição oral:

Antes de João Surá era Sertão do Rio Pardo. Porque Sertão do Rio Pardo? Quando os escravos..., aqueles que trabalhavam na garimpagem de ouro no Vale do Ribeira, eles foram subindo pra cá, e uns deles se refugiando, acompanhando, se escondendo pra cá. De Praia Grande pra cá, era onde os escravos se refugiavam, João Surá, esses lados pra cá. Fugiam dos senhores. Os senhores não tinham condições de buscar os escravos, por que a cachoeira era muito ruim de subir. Para eles virem de Xiririca aqui demorava 12 dias para vir e voltar: Não tinha condições de entrar no mato, era muito ruim de andar, era muito morro. Eles não tinham condições de procurar, por que era sertão mesmo. Depois de passado um tempo... a história de João Surá o livro Tombo não conta. A gente sabe a história de João Surá aqui, no local. (NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA, 2009. p.3).

Segundo os relatos de Cambuy e também a partir da pesquisa de campo, muitos dos moradores ainda têm na memória a época em que a população era muito mais numerosa, em que as relações eram de troca e os trabalhos desenvolvidos coletivamente. As comemorações religiosas eram motivo para reunir em um único espaço moradores que vinham de várias lugares diferentes, tanto de João Surá como das comunidades próximas. Ela conta também que enquanto percorria o território encontrou casas em ruínas, assim como espaços comunitários, dentre eles: engenhos de cana, alambiques e casas de farinha, todos eles



desativados, além de terrenos que pareciam já ter servido de moradia para famílias e pessoas que de lá se mudaram há anos. Antigamente, as festas duravam muitos dias e reuniam bastante gente, uma das festas tradicionais, a festa de Santo Antônio, que acontece até os dias de hoje, é uma prova de mudanças ocorridas, pois como descreveu em seu trabalho posteriormente, essa festa atualmente dura apenas um fim de semana e já não reúne tantas pessoas (CAMBUY. 2010, p. 34).

Através desse histórico, é possível perceber que muitas histórias da tradição oral permanecem mesmo com a inserção dos aparatos tecnológicos lá presentes, todavia, uma das conclusões a que chegou Cambuy em relação à dinâmica social de João Surá é que: “A significativa perda do território histórico, com a diminuição da população local e alterações no meio ambiente, repercutiram em mudanças nos modos de vida tradicionais dos moradores.” (CAMBUY, 2010, p. 6.)

De um território que antigamente não carecia de demarcação para atender as demandas da comunidade no que diz respeito ao tamanho de suas roças, hoje está praticamente cercado pelas fazendas de gado e *pinnus*.

O Quilombo de João Surá passou por diversas mudanças nos últimos seis anos, desde que começou seu processo de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo e de aproximação com órgãos e instituições governamentais, estudiosos e pesquisadores. Nesse aspecto, já estão mais acostumados a receber visitantes do que outras comunidades localizadas na mesma região.

Mesmo com as mudanças, é possível identificar na comunidade aspectos culturais que constituem a identidade coletiva dos quilombolas, como mecanismos de integração comunitária em torno de diferentes atividades produtivas, da divisão do trabalho e das manifestações culturais.

### 3.2.2.2 A cultura popular e a vida em comunidade: um estudo etnográfico

Ao sair de Curitiba, pernoitar em Adrianópolis e chegar ao Quilombo de João Surá na manhã seguinte, as diferenças do cotidiano se tornavam evidentes. Presenciei vários momentos onde as crianças brincavam na pequena rua de terra que cortava um enorme gramado na região “central” de João Surá. Os espaços coletivos percorridos desde minha chegada estavam situados entre casas, a Igreja, as duas escolas, o posto de saúde, o campo de futebol e demais casas que se estendem até alguns morros com pequenos recantos de mata nativa (Floresta Atlântica). Mesmo com as grandes distâncias percorridas para se locomover

de um bairro ao outro, as fazendas de *pinnus* e eucaliptos cercam a Comunidade, muitas vezes há que se passar entre essas áreas para se chegar em algumas comunidades e casas, mas as pessoas se visitam mesmo assim, o que demonstra que os aspectos culturais e os laços sociais e familiares permanecem fortes mesmo com essa interferência:

A titulação de terras com registro de posses individuais repercutiu significativamente na diminuição do território de João Surá, pois o choque entre a lógica comunitária inerente à organização quilombola e o individualismo vigentes nos documentos e processos de reconhecimento e regularização fundiária do INCRA, acabou por favorecer a expropriação territorial da comunidade. (CAMBUY, 2010, p. 32.).

Logo que cheguei ao Quilombo de João Surá, fui encaminhada para falar com as pessoas com quem eu havia articulado a viagem. Entre elas, uma conhecida líder da comunidade e encarregada de receber os visitantes. Devido às dificuldades de conseguir completar as ligações e os diálogos que antecederam a viagem, os moradores ainda não sabiam ao certo qual era o motivo da visita, por isso, não houve nenhuma articulação de encontros e visitas antes da viagem.

No dia da minha chegada, haveria uma reunião com representantes do Instituto Ambiental do Paraná (IAP). E já se percebia o movimento de pessoas chegando para o encontro. Há 10 anos, o IAP construiu uma casa dentro do Quilombo para que seus funcionários pudessem pernoitar durante os trabalhos com as reservas florestais presentes na região. Por conta desse encontro, nesse primeiro dia eu tive mais contato com os jovens que não participavam.

Durante a tarde, os jovens estavam reunidos nas redondezas da casa da cidadina líder. O local era um ponto de encontro deles, além de ter uma das pequenas e únicas vendas da região, ficava ao lado de um salão onde aconteciam reuniões e encontros, além das escolas, da Igreja e do campo de futebol, essa região era “central”, mesmo para os outros bairros que compõem a comunidade. Um pode andar horas e horas para chegar às casas de outras pessoas, mas quase todos costumam estar presentes em encontros e festas tradicionais, que inclusive reúnem pessoas de fora da comunidade. Uma cena que nesse primeiro dia já despertou para o tema tratado nesse estudo foi quando uma senhora chegou ao local e todos os jovens que estavam ali se divertindo e conversando sobre diversos assuntos, silenciaram para recebê-la pedindo-lhe a “bença”, um pedido que simboliza o respeito aos mais velhos e que está também ligado à prática religiosa, temas que serão abordados neste trabalho. A relação de parentesco e principalmente respeito dos jovens com aquela senhora se mostravam nesse

encontro. Nesse dia de muito calor, não demorou até irmos ao rio nadar. Era uma prática comum dos jovens em seus poucos horários livres, que iam até o rio se refrescar. Na mão, carregavam seus celulares ao som das músicas que lhes agradavam.

Esse encontro inicial com os adolescentes e jovens foi muito importante para nos conhecermos e para que eu explicasse a proposta desse estudo.

### 3.2.2.3 Juventude de caucos na gangorra da indústria cultural e da tradição

No dia-a-dia, os jovens desempenham importantes atividades junto aos seus pais e suas famílias, assim como para a comunidade de modo geral. Alguns deles trabalham no cultivo de roças, na construção de casas, nos afazeres domésticos e na escola. Outros trabalham como agentes de saúde e da pastoral, e alguns auxiliam em trabalhos políticos, como a identificação oficial de moradores para exercício da cidadania. Dentre esses jovens que convivem na comunidade, alguns foram morar em João Surá recentemente e a maioria lá nasceu e cresceu, já morou ou mora em outras cidades, tanto para trabalho quanto para estudo. Alguns deles já constituíram famílias e nesse aspecto uma prática bastante comum é “apadrinhar” os filhos de amigos ou parentes. O ato do apadrinhamento simboliza não só a devoção religiosa, mas também a relação de confiança entre eles. É bastante comum que outros jovens tomem conta de seus afilhados, sobrinhos, irmãos e crianças com as quais têm algum grau de parentesco ou afinidade.

No dia de sábado que presenciei lá, estive na companhia desses jovens que nem sempre tinham esse dia livre. Dessa vez, fui levada com eles a desbravar algumas cachoeiras que muitos deles também não conheciam. Pelos caminhos, novamente com os celulares tocando músicas, se manifestavam os conhecimentos dos jovens em relação à mata. Ao ouvir barulho na floresta, por exemplo, para se proteger de animais selvagens era preciso atirar pedras na mesma direção. Um dos jovens inclusive nos acompanhava com um facão para abrir a mata e proteger o grupo caso surgissem cobras pelo caminho. Durante esses passeios e caminhadas que se repetiram diversas vezes, os celulares com suas músicas disputavam lugar com as histórias que eram contadas sobre visagens, animais e lendas das matas por onde caminhávamos.

Ao entardecer, era comum o jogo de futebol com as “comadres” quando descansavam de suas funções. Era esse mais um momento de confraternização entre os

jovens, em que as moças também jogavam bola e combinavam algum encontro para a noite de sábado.

Fiquei surpresa quando em uma noite os jovens, tanto os que vivem como os que estão de passagem por João Surá, se reuniram numa roda de conversa e contaram causos da infância e assombração até de madrugada, quando me faziam uma visita na casa onde eu estava hospedada. Apesar do rádio ligado, ainda pareceu importante para eles lembrar de histórias que viveram ou escutaram, que nem sempre são contadas, mas que quiseram dividir com os demais. Dentre causos sobre aventuras na cidade grande, sobre viagens e mais, em certo momento emergiam as histórias fantásticas, sobre assombrações, visagens e histórias que eles haviam escutado de seus pais ou parentes. Talvez a minha surpresa viesse do fato de que eu achava que essas práticas não mais aconteciam entre os jovens com a chegada das novas mídias. Pelo contrário, esses jovens mostraram que pareciam respeitar e acreditar na veracidade que tem as palavras ditas pelos mais velhos, por mais que o distanciamento entre esse tipo de prática tenha se tornado maior.

Também ficou claro o grande valor da palavra para eles em algumas situações, por exemplo: há pouco tempo atrás, os jovens gostavam mesmo era de nadar nas margens do rio Pardo, “lá sim era fundo e bom para nadar”, segundo uma das moças. Agora se limitam a tomar banho numa parte mais tranquila e rasa do rio, que para eles é até “meio sem graça”. Isso porque de uns tempos para cá, os mais velhos afirmaram ter visto sucuris nadando nas margens perto das casas, onde eles costumavam se banhar. O curioso é que somente os mais velhos afirmavam ter visto essas cobras de porte grandioso nas proximidades, nenhum dos mais jovens. Esse risco, porém, nenhum dos jovens quer correr, e antes de ter que orar para São Bento e São Patrício, que são os santos livra de bichos peçonhentos, eles preferem então, respeitar a palavra dos mais velhos.

Nesse contexto, há que se confirmar a capacidade natural da tradição de transmitir um mito. Nesse caso, no papel do estudioso, é necessário procurar o que há por trás dessa história que estava se disseminando nas vozes dos mais velhos. Sem incorrer na arrogância de saber o que de fato a história sobre as cobras significava, foi possível perceber que por algum motivo, os mais velhos não queriam ver as crianças e adolescentes nadando no grande Rio Pardo, esse fator fez com que essa história se disseminasse e principalmente, que ela fosse fielmente acreditada pelas crianças e jovens.

#### 3.2.2.4 A história viva: os narradores da memória de João Surá

Nos primeiros dias, estava me familiarizando com os espaços de convivência dos moradores, com vista a identificar quem são os narradores de histórias tradicionais e quais as pessoas que moram no quilombo há mais anos.

Ao perguntar para as pessoas que se apresentavam quem eram os “contadores de história” mais conhecidos, entendi que vários dos moradores mais velhos eram assim reconhecidos. Entre pais, tios, avós e outros parentes, um dos nomes mais citados foi o primeiro grande contador de história que visitei, um homem com seus 77 anos que, como dizem, “conhece a história de João Surá melhor que qualquer um”. Além dele, também eram assim reconhecidas outras quatro pessoas. De qualquer maneira, ao longo do estudo, percebi que os mais velhos, mesmo aqueles que não se consideram “bom da memória” ou dizem não saber contar histórias, também se mostravam como grandes narradores da história oral de João Surá, fosse pela disseminação do conhecimento popular, que ia do cuidado com a terra ao cuidado com a família, fosse pelas histórias, causos e lendas que constituem valores comunitários.

Entre esses guardiões da memória, a habitante mais velha de João Surá, é conhecida por saber narrar a história de seu povo desde que a comunidade se formou, uma herança que passou de geração em geração até chegar nela. Ela foi também uma importante personagem no processo de reconhecimento de João Surá, pois foi a principal fonte viva da história do local, sendo a história um aspecto que constitui a avaliação de reconhecimento de comunidades remanescentes de quilombos pela Fundação Cultural Palmares, quando na realização de um laudo antropológico.

Não pude conhecê-la, e os motivos foram as chuvas constantes que limitaram minhas visitas, como também, e acredito que principalmente, segundo um dos líderes e presidente da Associação do Quilombo de João sura, essa senhora não tem mais vontade ou não gosta de receber visitantes, pois sempre que eles chegavam a sua casa, eram recebidos, ela perdia dias ou horas de trabalho e afazeres para oferecer aos visitantes o que eles procuravam. No final, esses visitantes iam embora com as histórias que haviam recolhido, sem retorno algum. Essa situação parece ter sido comum em algumas épocas, em que pesquisadores coletavam histórias e informações mas não garantiam nenhum retorno à comunidade.

Também não tive a oportunidade de conhecer as outras personagens, que na época da minha visita, uma delas estava em um hospital em outra cidade aguardando para fazer uma cirurgia. As chuvas impossibilitaram as visitas às casas de outros dois senhores que moravam

em lugares mais afastados. De qualquer maneira, percebi a importância desses personagens quanto ao reconhecimento da memória e da tradição oral da comunidade e principalmente, do reconhecimento deles por parte dos mais jovens.

Em uma conversa com o grande “conhecedor” da história de João Surá, que aqui será referido como *Senhor I*, ficou bastante claro em sua fala a importância da memória. Ele afirma que “Os jovens tinham que aprender a contar nossa história.”

Enquanto conversava com o *Senhor I*, era possível perceber como ele relembrava das histórias de sua juventude com muitos detalhes. A cada caso que me contava sobre antigos moradores, assombração, bichos do mato, lendas e qualquer outro caso, parecia reviver tudo aquilo que materializava em palavras. Em outras visitas, algumas no embalo de um copo de vinho de jabuticaba, escutava-o falar de como eram as festas antigamente, em especial a de Santo Antônio, que começava dia 12 de junho. O costume que se tinha naquela época de servir bem as visitas, com muita comida e coisa boa.

Na relação com algumas pessoas mais velhas, eu me sentia bastante a vontade para conversar e fazer-lhes visitas praticamente todos os dias. Um dia, uma senhora se dispôs a me levar para passear e visitar alguns de seus parentes. Não era de falar muito, e talvez nem precisasse, pois a sua relação com aquele ambiente, em diversas ocasiões, evidenciavam o conhecimento tradicional dela, que iam desde escolher as folhas certas na mata para fazer chá, os lugares certos para se pisar em dias de chuva, o preparo da comida, o lidar com a terra, enfim, a sabedoria popular. Nesse passeio, visitamos duas famílias. Em ambas as casas, na sala, estavam os jovens, adolescentes e crianças reunidas em frente à televisão, assistindo a uma telenovela. Nessa ocasião tive a oportunidade de conhecer algumas dessas jovens, que mais tarde estariam comigo em outros momentos de lazer. Com a atenção e grande hospitalidade que me fora dada, começamos a conversar e a prosa, ora tomava o lugar da televisão, ora era sobre o próprio programa que estava no ar. Uma das meninas, já havia morado fora da comunidade, passou alguns anos trabalhando em Curitiba, mas retornou a João Surá para cuidar de seu pai, que passou a precisar de atenção especial. Ela não se recordava de histórias que escutava na infância, mas sabia apontar quem eram os contadores de história de João Surá. Nessa visita a conversa começou com as meninas na sala ao som da televisão e acabou na cozinha junto aos seus pais e um “café com mistura”, e mais uma vez a conversa se direcionava para o Quilombo de João Surá, sobre o que a juventude fazia para se divertir na comunidade e sobre o dia-a-dia daquelas famílias.

#### 3.2.2.4.1 Da sanfona a musica eletrônica e da linguagem oral falada à escrita virtual

Antigamente era concedido grande *status* aos sanfoneiros, que se reuniam para tocar nas festas que se estendiam até de manhã. Em todas as comemorações populares, nos bailes e festas, era o som da sanfona que se ouvia, até mesmo em dias normais, em que os sanfoneiros simplesmente se reuniam para tocar e cantar. Com a substituição da sanfona pelos rádios, pouco barulho se escuta ecoando das sanfonas. Todavia, os tocadores, assim como os contadores de história, são reconhecidos pelos jovens e também continuam tocando em festas tradicionais que resgatam aspectos culturais que costumavam existir na comunidade.

Por vezes, os jovens gostavam de escutar as músicas gravadas em um volume alto, o que incomodava aqueles que estavam acostumados com o silêncio ao calar da noite. Assim, os próprios jovens contaram que existiam conflitos entre os mais velhos por causa da música alta, além de um estranhamento com aqueles que não eram de João Surá, mas que estavam vivendo com eles. Nesse aspecto, os jovens quilombolas pareciam mais abertos a receber e estreitar laços com os novos moradores, inclusive com casos de casamento.

De qualquer forma, a presença dos sanfoneiros ainda é reconhecida como pertencente à cultura local, principalmente em festas maiores, com convidados e visitantes de outras localidades. Mas agora, o som que outrora caracterizava a musica de João Surá se resume a algumas ocasiões mais específicas.

Muitos dos jovens possuem aparelhos celulares. Apesar de seu uso para efetuar e receber ligações se restringir apenas a algumas operadoras em determinados locais onde pegava o sinal, para os jovens o celular é mais um aparelho para escutar músicas que gravam e compartilham.

Em um lugar onde antigamente a fonte de saberes era a palavra, e essa, transmitida em cânticos, rezas, lendas, prosas e rituais populares, conforme os mais velhos narravam sobre as tradições locais, essa palavra então passou, em algumas ocasiões, a ser intermediada pelos meios de comunicação. Primeiro, com a chegada da rádio, em seguida, da televisão e por fim e a mais recente delas, a *internet*.

A *internet* chegou em João Surá no ano de 2009, quando um grupo de extensão universitária da Universidade Federal do Paraná desenvolveu um projeto de inclusão digital que resultou no *Telecentro*; uma sala próxima a escola onde instalaram computadores.

Desses computadores, aproximadamente três deles estavam em funcionamento no período da visita. As ferramentas da internet são utilizadas por diferentes motivos. Na escola é utilizada para fins de pesquisas e trabalhos escolares, pelos líderes, é utilizada para articular

encontros, reuniões e também para checar o email que foi criado para entrar em contato com representantes da comunidade. Pelos jovens, é utilizada para compartilhar e escutar músicas, fotos e acessar as redes sociais. A maioria dos jovens está conectada a alguma rede social, em especial o *orkut* e o *facebook*. Em alguns momentos acompanhava os jovens no Telecentro, escutávamos músicas e nos divertíamos nesse espaço. Apesar de já ser um hábito comum entre eles se reunirem com certa frequência nessa sala para acessar o computador, ainda não é uma realidade para a maioria dos jovens e a sua influência não é tão direta como a da televisão e dos rádios, por exemplo. É no computador que eles conseguem compartilhar e reproduzir suas músicas, assim como se comunicar com moradores, familiares e conhecidos que estão fora de João Surá, mas estão conectados em redes sociais.

### 3.2.2.5 Oralidade e oração

Aos domingos, a Igreja Católica é um ponto de encontro aonde pessoas vindas de diversos lugares da comunidade se reúnem. Mesmo com o grande número de pessoas que se encontram no “centro” próximo ao horário da missa, nem todos participam dos cultos, mesmo que sejam também católicos. No culto, movidos pelos laços de parentesco e afinidade entre os participantes, são os próprios moradores que dirigem o culto. As missas acontecem uma vez por mês, quando o padre vem para celebrar. Dentre os jovens e crianças, muitos dos que conheci compareceram no culto e também me contaram participar do grupo de jovens.

Interessante também é que há alguns anos, algumas das famílias que antes eram devotas à religião católica, se converteram à religião evangélica e conseqüentemente não mais participam das celebrações católicas. Essa mudança afetou inclusive o relacionamento dessas famílias, mesmo que poucas, com os demais moradores, que afirmam que os *crentes* não aceitam nada que venha dos católicos. Para fins dessa pesquisa, acredito que teria sido relevante ter tido a oportunidade de conviver com alguns dos evangélicos, a fim de entender se existe também entre eles, diferenças no que diz respeito à relação deles com os narradores e o próprio valor que eles atribuem a tradição oral, porém, não tive acesso a essas pessoas.

Geralmente as comemorações religiosas remetem a tradição, simbolizada pelas danças, cantos, oferenda de alimentos, dias de jejum, rezas e procissões, que reuniam inclusive pessoas de outras comunidades. Ao conversar com o Senhor 1, ele lembrava da festa de Santo Antonio, que acontece todo dia 12 de junho. Segundo ele, nunca faltava comida e todo mundo ajudava.



É possível perceber, através das histórias contadas tanto pelos mais velhos quanto pelos jovens, que mesmo com as mudanças que serão descritas a seguir, ainda se respeita muito as crenças sobre os dias santos. Como por exemplo, não se deve trabalhar aos domingos sob o risco de ser amaldiçoado, não se deve comer carne em semana de quaresma sob o mesmo o risco. Uma história que demonstra isso e que Cambuy afirma que é contada por diferentes pessoas, é sobre um homem que há tempos atrás, resolveu comer carne vermelha em dia de quaresma e quando estava pronto para comer a carne virou sangue.

Sobre essas as crenças religiosas ainda permanece o valor das histórias contadas pelos mais velhos, atribuídas como verdades, seja sobre as punições que recebem aqueles que “abusam”, seja na maneira como aprendem a lidar com a presença de seres sobrenaturais, que aparecem principalmente em dias de importância religiosa.

A partir dessas observações sobre a religiosidade, percebe-se a aproximação com os estudos da metodologia sobre o estudo da tradição oral africana, que de maneira geral posicionam uma visão religiosa de mundo. Esse posicionamento varia conforme a etnia e nesse caso, percebe-se que de fato o comportamento do homem em relação a si mesmo e ao seu espaço são modelados a partir de um ritual religioso. Um exemplo são as atitudes e comportamentos que se tem em relação ao trabalho em dias considerados santos.

#### 3.2.2.6 Das relações entre tradição oral e Indústria cultural

Com o desenvolvimento da pesquisa de campo, foi possível observar tendências da tradição oral como da *Indústria cultural* no Quilombo de João Surá e as relações entre elas ora são conflitantes, ora são incorporadas, principalmente pelas pessoas mais novas, às quais o impacto das tecnologias da comunicação pareceu maior. Através de algumas conversas que surgiram durante a pesquisa etnográfica, foi possível perceber como os mais velhos, ou seja, aqueles mostraram manter tendências da tradição oral de matriz africana, tal qual a memória do Quilombo de João Surá, percebem as influências dos meios de comunicação de massa.

A começar por uma conversa com o *Senhor I*, que é referência na narração oral da comunidade. Ao conversarmos sobre as histórias tradicionais ele afirma que a “criança” hoje mudou tanto e que se eu fosse perguntar a elas uma dessas histórias elas não saberiam contar, mas que poderiam aprendê-las. Ele acreditava que se uma dessas crianças de hoje perguntasse para os mais velhos como era antigamente elas poderiam decorar as histórias que contam, escrever em um papel, relatar em um caderno, em qualquer lugar, enfim, decorar. São

histórias que depois vão poder contar pra qualquer um, segundo ele, que afirma que se tivesse estudo ele mesmo faria isso e que:

No meu tempo mesmo a gente dava valor ao estudo, mas não dão hoje, tá na frente da televisão assistindo novela. Novela vê essas coisa, não permite, tão assistindo, assistindo aquelas coisas. Aquelas coisa de cidade grande não cidade pequena. Pra nós digamos então eles não sabem dá valor, porque não sabem do valor. A gente tem que da valor pra eles também ter valor. Se você quer contar as histórias bem bem antiga. Quer dizer hoje, não tem explicação, num decora as coisas, decorar que eu digo né, guardar na memória. E contando, é bonita as pessoas que sabem conta...eu mesmo eu gosto de escuta as coisa antiga, o que eu herdei dos mais velho eu conto. Eles que tão tendo estudo hoje poderiam decora essas coisa. (SENHOR 1)

Como complemento a essa constatação, outro senhor já se recordava de uma antiga prece:

Eu lembro o Pe. Vitor lá em 1960, 1962 por ai ele falava, sempre falava: ‘olha você vão ver, as pessoas anda nua ai na rua, vai acontece isso’. Naqueles tempo ele falava. O mundo ta mudando de vez, tá mudando o mundo. ‘As pessoas são bom, mas você vão vê isso heim e quando você vê isso vai estraga tudo’ e justamente... (SENHOR 2).

Em outra conversa o filho de uma senhora nos informava a notícia de que havia acontecido um terremoto em algum país estrangeiro. Nessa ocasião, foi possível perceber o significado desse tipo de acontecimento a partir de uma interpretação local:

Fora do Brasil é normal agora no Brasil é estranho. Mas aqui no Brasil que da um terremoto assim a gente...Tem chuarada, rola tudo. Aqui pro outro lado do rio mesmo, o ano passado, chovia, paro de chove, mas não era muita chuva. Um dia eu tava fazendo janta ali, daqui a pouco eu vi aquele barulho (imita som do barulho). E tava uma escuridão, não sabia que que era aquele barulho, quando foi que eu vi parecia do lado rio tudo rolado. Falei, comé que pode rola na beira do rio. (SENHORA 2).

Na conversa com uma senhora, que aqui será identificada como *Senhora 2*, enquanto nos reuníamos em sua casa com seus parentes ela afirmava grandes mudanças em relação aos choques culturais com os jovens:

É vamos supor, que nós aqui, que ta ficando meio difícil porque aqui nós temo os jovem, e temos pessoa adulta, temos pessoa de idade e meia idade. Lógico que hoje os jovem eles tem a privacidade deles. Mas só que as vez, porque nós tamo meio tumultuado, o povo nosso aqui não tão acostumado com o ritmo que tá vindo hoje né. Principalmente essas música chata que tá vindo hoje. Tem música que não dá pra uma mãe com o filho escuta junto com o filho, né? Tem música que num da nem, da até vergonha de escutar o tipo de uma musica, principalmente com o filho da gente. (SENHORA 2).

Nessas situações de discussões sobre temas decorrentes, era possível perceber que para os quilombolas, também existia essa preocupação sobre como os novos meios chegavam e certa discordância era causada entre as gerações. De um lado, por exemplo, os mais idosos, acostumados a se recolher com o calar da noite, de outro, os jovens, animados para dançar e escutar músicas em volume alto até o final da noite.

De qualquer jeito, existia uma clareza por parte dos jovens sobre a tradição, assim como sobre elementos da *Indústria Cultural*. Mais uma vez me surpreendi ao encontrar na fala de outra jovem a explicação do por que esse fenômeno de distanciamento acontecia. Numa conversa em visita a sua casa, ela contava que nasceu e se criou nas proximidades da casa onde hoje vive com seu marido e dois filhos. Contou que antigamente, algumas vezes ela mesma havia visto e muito havia ouvido falar dos boitatás, do neguinho d'água e outros seres encantados que costumavam percorrer aquelas matas antigamente. Quando eu perguntei o porquê, na opinião dela, os mais novos não conheciam ou não sabiam da existência desses seres, ela afirmou que “(...) com a chegada da TV, as pessoas pararam de dar tanto valor as coisas aqui do mato, elas queriam saber mais das coisas que passavam na TV e pararam de crer nas histórias que são nossas mesmo, daqui do João Surá”.

De qualquer forma, ainda reconhecem o valor do aprendizado com os mais antigos. Uma dessas situações foi evidenciada por uma jovem que trabalha como merendeira no Colégio Diogo Ramos na época da visita e anteriormente havia concedido uma entrevista para um programa de TV falando sobre como aprendeu o ofício:

Eu estou trabalhando de auxiliar de serviços gerais, na parte de alimentação aqui no Colégio Diogo Ramos, na comunidade quilombola de João Surá e município de Adrianópolis. Dona Clarinda é minha mãe, eu observo ela desde criança, quando ela fazia comida pra nós. Daí fazendo farinha também, que sempre ela fazia pra nós e pro nosso sustento e as vezes pra vender. Daí a minha, as minhas duas vós fazia sempre, daí quando eu era criança, nós acompanhava o processo da farinha com ela, como minha vó, com meu pai, com meus irmão, que sempre nós tava ajudando né, fazendo a farinha, daí aprendi com ela algumas coisa. Aqui na comunidade quase todo mundo aprenderam com os mais velhos né. Aprende as comidas típicas, as dança as outras coisas também, tudo foi aprendido desde antigamente né.. Então é uma cultura que nós estamos preservando agora né, que os mais novos tão mais ou menos aprendendo né. (TV PAULO FREIRE:PROGRAMA OFÍCIOS, 2011)

A fala da moça demonstra explicitamente como o seu trabalho de merendeira no Colégio está ligado ao saber oral, que se transmitia não apenas pela palavra, mas pela observação, pela prática e pela vinculação com a família. Nesse caso não só o seu ofício, como também a maneira pela qual o aprendeu, constituem tendências da tradição oral.

Essas situações demonstram qual é a relação dos mais jovens com a tradição e a tecnologia, uma vez que em determinadas situações, uma parecia emergir em detrimento da outra ou ambas se faziam presentes.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse Capítulo tem por objetivo concluir quais os resultados que na pesquisa de campo se aproximam ou se afastam do marco teórico apresentado. Pretende mostrar qual a conclusão que se chegou sobre as tendências da tradição oral e da *Indústria cultural* observadas no Quilombo de João Surá.

Com vista a basear esse trabalho na questão da palavra enquanto criadora de uma sociedade, a própria pesquisa de campo se utilizou da tradição da palavra para entender as questões relacionadas à tradição e aos aparatos tecnológicos modernos.

Além disso, ela se baseia principalmente em referências orais, que por sua vez constituem um aspecto cultural essencial na história da população que reside no Quilombo de João Surá. O aspecto da oralidade humana é, porém, apenas uma das manifestações possíveis que decorrem da palavra. Também é a palavra de extrema importância para a democracia e o poder nessas sociedades.

O saber passado de geração em geração que constitui fenômeno da tradição oral pode ser facilmente observado em situações do dia-a-dia. Esse saber se manifesta, por exemplo, no exercício de funções domésticas, de trabalhos externos e até de momentos de lazer, em que os moradores tomam determinadas atitudes e dizem ter aprendido com seus parentes mais velhos. Ao retomar a descrição das possíveis origens do nome da comunidade, em que as versões recolhidas sobre o nome *João Surá* foram transmitidas oralmente, elas convergem com a metodologia da tradição oral desenvolvida por Vansina, em que um testemunho pode mudar e ser resignificado, mas que é possível sim utilizá-lo como fonte da história.

Segundo a afirmação de Machado sobre a memória, citada anteriormente, a memória, ou seja, o ato de lembrar, constitui parte da vivência das antigas sociedades africanas. No Quilombo de João Surá é possível aproximar essa teoria quando relacionadas aos mais antigos moradores da região. Com as crianças e adolescentes, porém, é possível perceber um distanciamento na maneira como eles recebem as histórias dos mais velhos. Os rituais de transmissão de histórias continuadas se resumem a algumas situações em que para os mais novos, já não está tão profundamente vivenciada na memória, as histórias da tradição oral de uma comunidade. Todavia, a pessoa, que é também constituída pela palavra, tem grande importância para os quilombolas de diferentes gerações, pois a partir do conhecimento que

eles adquirem enquanto membros de uma comunidade, a palavra de fato é capaz de conduzir a história das pessoas, assim como a clareza em relação a sua existência.

Ao considerar as definições sobre os *griots*, trovadores e contadores de história, foi possível, como se desejava no planejamento desse estudo, identificar a existência e quem são os narradores tradicionais e o valor que os demais moradores atribuem aos primeiros.

O Quilombo de João Surá apresenta traços relativos à história do surgimento e de aspectos culturais do quilombo no Brasil. Em muitas situações, os moradores mais antigos de João Surá contavam histórias sobre quando moravam em vilarejos antigos que não mais são habitados, mas que relembram como aos poucos perderam partes dos territórios, os motivos que levavam as pessoas a se mudar e a resistência que tiveram sobre a pressão que sofreram e ainda sofrem, seja para vender terras ou para se mudar para outras cidades.

Em relação à religiosidade e a oralidade, de fato é possível identificar a tradição oral enquanto tradutora de uma visão religiosa do mundo. A prática religiosa em seus rituais, valor também expresso pelos comportamentos dos mais jovens e inclusive crianças, de fato confirma que aquilo que é importante para a comunidade enquanto necessário ao funcionamento das instituições é transmitido com cuidado. Assim, aos quilombolas de diferentes gerações, cabe entender quais são as funções que devem exercer na comunidade, assim como direitos e deveres, além de serem eles também os responsáveis por transmitir essas tradições para as próximas gerações. Além disso, é bastante visível a capacidade de um mito de criar comportamentos, conforme as narrativas clássicas sobre os dias santos e quem ousou desrespeitá-los.

A tradição a que Lima se refere como sendo a ‘memória coletiva’ ainda é resguardada pelos anciãos do Quilombo de João Surá, são senhores e senhoras respeitados por suas memórias privilegiadas, e são capazes de descrever práticas que fazem parte folclore local. Mas já não parece possível afirmar que os mais jovens também cultivam essa memória coletiva com a mesma naturalidade como eram transmitidas antigamente. Mesmo assim, por mais que nem todas as histórias tenham sido preservadas, as mais importantes delas no que diz respeito ao ‘sentido agregador de família e vinculação à terra’ ainda se observa conforme se percebe na fala da jovem merendeira e de outros jovens que atualmente exercem ofícios que aprenderam com os seus pais, se aproximando da afirmação de que ‘o ato de lembrar está na essência das tradições que sustentam a organização comunitária e formas de governar nessas sociedades.’ Um exemplo também é o ato do apadrinhamento, praticado por todas as gerações e que além da devoção religiosa, também traduz a importância dos vínculos familiares. Também com as dificuldades citadas em relação à diminuição das propriedades de

terra da comunidade nas últimas décadas e a mudança dos moradores de João Surá para outras localidades tem um impacto profundo na cultura local, mas de qualquer forma o vínculo familiar ainda permanece forte.

A clareza com que os mais novos e principalmente os mais velhos percebem a tecnologia se aproxima daquilo que Adorno e Horkheimer consideram a *Indústria Cultural*, ou seja, os programas da televisão, que tem sua base em uma visão supostamente *esclarecedora*, exercida pelos economicamente dominantes, substitui o lugar dos mitos de outrora, que através de uma vivência também através dos sentidos, percebia a realidade. Essa nova cultura assim como os produtos que dela advém é percebida na fala de uma jovem ao se referir sobre a televisão. Junto a esse exemplo, também é possível pensar na afirmação da *Senhora 2* sobre as músicas que os mais novos gostam de escutar. Sobre a última, perceber-se-ia como, na visão dos filósofos da *Indústria cultural*, os donos do meios de produção são apenas um e esse dono fabrica e esquematiza o conceito cultural que deve ser seguido. Nesse caso, um conceito que gera conflitos, de um lado, os estilos de músicas criados dentro de uma cultura de massificação, que tende a impor uma falsa identidade aos seus ouvintes. Por outro, uma percepção crítica de uma senhora, mãe de alguns jovens, em relação às novas formas de músicas que se fazem presentes na comunidade e que são reproduzidas pelos mais novos.

Foi possível identificar a tradição oral como um aspecto cultural que ainda existe no Quilombo de João Surá mesmo com o incremento da *Indústria Cultural*. Por sua vez, a tradição oral, como um fator cultural, sofre alterações, que se reproduzem na própria linguagem.

Com a pesquisa de campo, percebi que a relação das demais pessoas com os reconhecidos contadores de história, é de respeito e admiração. Porém poucos dos jovens que eu conheci sabiam de fato a história de João Surá, ou mesmo a história de suas famílias e as narrativas tradicionais. O assunto inclusive se mostrava importante para a abordagem escolar, em que os alunos estavam pesquisando a história da comunidade e utilizando para isso essas fontes orais dos narradores reconhecidos na época da visita. Ainda estão vivos os últimos depositários da história do Quilombo de João Surá e que são capazes de contar de maneira esclarecedora as histórias que constituem a memória do Quilombo, desde o seu surgimento até os dias de hoje. Sem ignorar os novos meios de comunicação que se instauram nas comunidades tradicionais, é necessário, conforme coloca Bá sobre o estudo da história da África, considerar a palavra como fonte da história.

Com base em uma interpretação da função da técnica e da tecnologia voltadas para a informação, ou seja, da produção de meios de comunicação, que nesse caso contém elementos

da *Industria cultural*, como o rádio e a televisão, é possível perceber como uma ‘ordem social social global’, é capaz de influenciar uma cultura específica como a cultura de um Quilombo. Também a cultura, enquanto sistema simbólico que constitui valor e regula os comportamentos de uma determinada sociedade, encontra na linguagem, nesse caso na linguagem de transmissão oral, a ideologia, que por sua vez é materializada nos produtos culturais. A tradição oral enquanto fenômeno linguístico também se percebe nessa análise como um produto coletivo que conforme explicado anteriormente surge dentro de um contexto ideológico.

Por fim, faz-se necessário reafirmar que existem coisas que não são passíveis de explicação ou de uma descrição precisa, é preciso vivê-las e experimentá-las, sendo essa uma limitação da pesquisa desenvolvida.

Mas só vivenciando diferentes momentos junto à juventude, aos anciões e guardiões da memória e demais moradores, é que pude identificar como os momentos de coletividade trazem aspectos da cultura tradicional, ultrapassam os limites territoriais e emergem como um valor fundamental na estruturação cultural da Comunidade de João Surá, sobre a qual arrisco afirmar, pelo pouquíssimo tempo de convivência, um verdadeiro espírito de coletividade que constitui a comunidade, presente mesmo quando se misturam, as vezes de maneira desorganizada e confusa, com elementos da *Indústria Cultural*. Existe uma paradoxal e curiosa relação entre os próprios elementos de massificação, que por vezes são utilizados para promover momentos de integração e socialização, principalmente pelos jovens. Como por exemplo, quando ao som dos rádios, os mais novos lembravam histórias que escutavam ou mesmo se reuniam, para dançar os bailes, agora ao som eletrônico ao invés da sanfona e das gaitas.

Na convivência com os mais jovens, pude perceber que os aparatos tecnológicos, considerados nessa pesquisa como pertencentes à *Indústria cultural*, dos quais eles se apropriam, não se resumiam apenas a reprodução alienada e em massa de músicas, mas serviam como instrumentos importantes para fazer acontecer encontros, bailes, festas e outros momentos de diversão e interação. Os estilos de música conhecidos como brega, *tecno brega*, sertanejo universitário, eletrônica, entre outras, que se escutava por lá tinham senão, em sua superficialidade, uma intenção de aprofundar os laços e a convivência entre os jovens, que se reuniam porque se identificavam com aspectos dessa nova cultura.

Ao analisar a tradição oral na perspectiva da *Indústria cultural*, fica claro o antagonismo entre as duas correntes que influenciam diretamente a cultura de um povo. Se por um lado, tem-se um povo que é historicamente reconhecido por ter fundado comunidades



fiéis as suas de origem e em que o detalhe dos ofícios, a palavra, a ligação com a terra, os ritos e a religião representam valores de um modo de viver coletivo, por outro lado tem-se um povo que começa a passar por esse mesmo funil da *Indústria cultural*, estreitamente ligado a padronização de um modo de viver individualista e antagônico aos valores tradicionais.

Todavia, sobre os dois grandes temas que norteiam esse trabalho, sem a intenção de reduzi-los ao estudo apresentado, mas as visíveis tendências que permitiram enxergar a resistência da tradição e a adaptação a modernização, o universo cultural do Quilombo de João se mostrou riquíssimo enquanto comunidade que preserva valores tradicionais. As narrações orais, que em suas mensagens são carregadas de valores, a história da Comunidade, que através de fontes orais é recontada, as preocupações que muitas vezes apareciam em conversas com os mais velhos em relação à chegada dos novos meios de comunicação, o comportamento dos jovens em relação à vida na comunidade, a maior facilidade deles em se adaptar aos novos aparatos tecnológicos e principalmente, os detalhes mais profundos ligados ao vínculo que une os moradores numa mesma comunidade, apesar das dificuldades por eles encontradas, fato que esse estudo não conseguiria resolver. Todas são questões que merecem ser aprofundadas. O tema que se desejou trabalhar se mostrou recorrente na comunidade, e suas implicações e repercussões no Quilombo de João Surá, pareceram ser de grande importância para os seus falantes. O próprio fato de uma pesquisa em torno do tema desperta para a importância de trabalhar com essas questões. Esse estudo poderá ainda ser aprofundado e tem potencial para prosseguir nas discussões sobre a tradição oral e a *Industria Cultural*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, *Presença do léxico bandeirante no falar rural formosense*. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Tradução: ALMEIDA, Guido Antonio. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2006.

BÁ, Amadou H. *A tradição viva*. In: *História geral da África: metodologia e pré-história de África*. São Paulo: Ática / UNESCO, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e a filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed. Tradução: Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. Colaboração: Lúcia Teixeira Wisnik; Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: *Os pensadores*. 1. ed. Tradução: Erwin Theodor Rosental. São Paulo: Abril S.A Cultural e Industrial, 1975.

BERTONI, Mauro; MALERBA, Jurandir. *Nossa gente brasileira*. Campinas: Papiros, 2001.

BRASIL. *Decreto nº 10639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 01 mai. 2012. Disponível em:  
< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 01 mai 2012.

CAMBUY, Andreia. *Comidoria em João Surá: o sistema alimentar como um fato social total*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, 2011.

CÂNTIA, Aline M. C.. *Calunga, voz e memória entre os vãos*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-graduação em Letras da Faculdade de Letras, Universidade federal de Belo Horizonte. Belo horizonte, 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à filosofia*. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2012.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. Disponível em: <  
<http://www.cpisp.org.br/comunidades/>>. Acesso em: 27 ago 2011

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <  
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Ult. Acesso abril, 2

FERNANDES, Ricardo C.; LEITE, Ilka B.. *Fronteiras territoriais e questões teóricas: a antropologia como marco*. In: Boletim Informativo NUER / Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas .v. 3, (n. 3). Florianópolis: UFSC, 2006.

FERNANDES, Ricardo C. *Relatório Antropológico: Comunidade Quilombola de João Surá*. Documento resultante do Convênio UFPR/ INCRA com base no projeto Direito a Terra e Comunidades Quilombolas no Paraná: elaboração de estudos históricos e antropológicos. Curitiba. Relatório técnico, 2007.

FONSECA, Mariana B.. *Educação pelos tambores: A transmissão da tradição oral no Candomblé de Açude*. Disponível em: <  
[http://www.portaldopatrimoniocultural.com.br/site/bensinventariados/detalhe\\_pi.php?id=72](http://www.portaldopatrimoniocultural.com.br/site/bensinventariados/detalhe_pi.php?id=72)>. Acesso em: 21 março de 2012.

FUNDAÇÃO PALMARES. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br>>. Acesso em: 21 março de 2012.

GABRIEL, Ivana Mussi. *Hebert Marcuse: Reflexões sobre a sociedade tecnológica*. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/5503/herbert-marcuse#ixzz1pWRroefn>> Acesso em: 29 abril de 2012

GARCIA, Pedro B.. *Oralidade, memória e formação*. (s.d.) Disponível em:< <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/212454Oralidade.pdf> >. Acesso 20 out. 2010.

GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA. (s.d.) Disponível em: <<http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=2>> Ult. Acesso:01/04/2012

JUNG; Carl G. *Psicologia do inconsciente*. In: Obras completas de C. G. Jung. (vol. 2). (n. 1). Petrópolis: Editora Vozes: 1996.

JUNIOR, Henrique C. *NTU*. vol 9. Maringá: Revista Espaço Acadêmico (n. 108), 2010.

LEITE, Fabio. *A questão da palavra em sociedades negro-africanas*. Disponível em: <[http://www.casadasafricas.org.br/site/index.php?id=banco\\_de\\_textos&sub=01&id\\_texto=27](http://www.casadasafricas.org.br/site/index.php?id=banco_de_textos&sub=01&id_texto=27)> . Acesso em 20 out. 2010.

MACHADO, Vanda. *Tradição oral e vida africana e afro-brasileira*. In: Literatura Afro-brasileira. (s.d.) Disponível em: <[http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira\\_cIII.pdf](http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira_cIII.pdf)> Ult. Acesso: 20 nov. 2010.

MARCUSE, Hebert. *Tecnologia, guerra e facismo*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MARTINS, Heloisa H. T. S. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. São Paulo: Educação e Pesquisa da Universidade de São Paulo, v. 30, (n. 2), 2004.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, v. 1,(n. ), 1988.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MUNANGA, Kabengele. *Origem e histórico do quilombo na África*. São Paulo. *Revista USP* (n. 28), 1996.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. 2009. Disponível em: <  
[http://www.novacartografiasocial.com/index.php?option=com\\_phocadownload&view=file&id=125:comunidade-quilombola-so-sur-paran&Itemid=58](http://www.novacartografiasocial.com/index.php?option=com_phocadownload&view=file&id=125:comunidade-quilombola-so-sur-paran&Itemid=58)>.Elt. Acesso: 08/01/2012.

OLIVEIRA DINIZ AMANCIO, Vicente. *Cultura material, oralidade e simbologia: Existe uma filosofia em África?* Betim. SCRIPTA, 2003.

RODRIGUES, Jose Carlos. *Antropologia e comunicação: princípios radicais*.

RODRIGUES, Inara C. M.. *A comunicação oral e a sua importância para a transmissão da cultura popular*. São Luís, 2005.

ROSÁRIO, Lourenço. *A Narrativa africana de expressão oral*. Luanda: Angolê, 1989

SILVA, Acildo L.. *Memória, Tradição oral e a afirmação da identidade étnica*. Rio de Janeiro: UERJ/PENESB. (s.d.)

SILVA, Eduardo F.; TRAUZYNSKI, Sílvia C.. *Terra e cidadania*. Curitiba : ITCG, 2008.

TANAKA, Béatrice. *A história de Chico Rei: um rei africano no Brasil*. São Paulo: Edições SM, 2010.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. *Meus Pensamentos são todas sensações: corpo e voz nas narrativas orais africanas*. Porto Alegre: Revista *Boitatá*, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-2-2006/artigo%20Ana.pdf>>. Acesso 20 out. 2010.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1992).

VANSINA, Jean. A Tradição Oral e sua metodologia. In: *História geral da África: metodologia e pré-história de África*. São Paulo: Ática / UNESCO, (1981).

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia* (5a ed.). Rio de Janeiro: LTC.(1982)

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana L. C.. Etnografia: saberes e práticas. In: *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Organização: PINTO, Céli R. J.; GUAZZELLI, César A. B. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.